

“Adventure by motorhome”

Carlos Homero Vieira Nina

VISITA À RAINHA



“Adventure by motorhome”

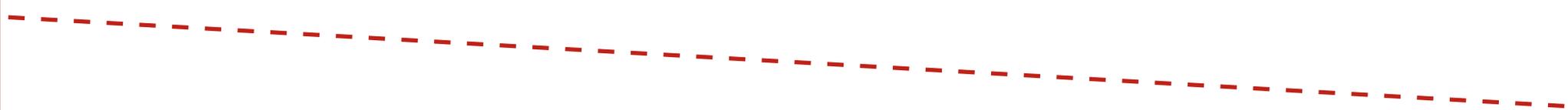
VISITA À RAINHA

Brasília, 2015

Textos: **Carlos Homero Vieira Nina**

Projeto gráfico: **Chica Magalhães**

Foto capa: **Alba Chacon**



"Para viajar basta existir."
Fernando Pessoa



Sumário

- 08. INTRODUÇÃO
Vânia e Guarany
- 10. O DIA DA PARTIDA
- 12. LONDRES
- 16. MEMÓRIA DE ELEFANTE
- 20. FLAPJACK
- 24. CASOS DE POLÍCIA
- 28. UM RÁPIDO PERFIL DA TRUPE
- 38. A FÁBULA DO SAPO
- 42. TURISTA SOFRE
- 46. NA ROTA DO UÍSQUE
- 50. AS MONSTRAS DO LAGO NESS
- 54. SAUDADES DE ALBA
- 58. OS QUATRO FABULOSOS
- 62. SOIS REI?
- 66. TUDO QUE É BOM DURA POUCO...
- 70. O ITINERÁRIO
- 72. ALGUNS PONTOS DE INTERESSE VISITADOS
- 80. OS NOSSOS ENDEREÇOS NA GRÃ-BRETANHA
- 82. APRESENTAÇÃO
 - 82. *Alba e Sérgio Chacon*
 - 86. *Lu e Saulo Ferrante*
 - 88. *Tanise e Tom Rebelo*



Introdução

Vânia e Guarany Nina

De uma viagem espera-se uma inesquecível experiência, cujo relato será parte do filme das nossas vidas. No caso da “Visita à Rainha”, para colher este fruto, quatro casais formaram a trupe que percorreu a Grã-Bretanha: Alba e Chacon, Lu e Saulo, Tanise e Tom, Vânia e eu. Juntos, elaboramos uma programação base, incluindo o trajeto, cidades e visitas. Alterações poderiam ocorrer para atender a conveniência do grupo, até porque não seria admissível, por exemplo, deixar de fazer alguma coisa interessante pelo fato de não ter sido previamente agendada.

Os integrantes do grupo já se relacionam há alguns anos, de sorte que não houve muitas discrepâncias quanto aos objetivos da viagem e aos pontos de interesse que seriam visitados. Todos gostam de viajar, de ver novos lugares, de sentar-se à uma boa mesa, de beber um bom vinho, de conhecer pessoas. Enfim, são muitas as afinidades e interesses comuns. Embora a idade média

cronológica do grupo, de mais de sessenta anos, parecesse mostrar o contrário, o grupo era jovem o bastante para se emocionar com a realização do sonho de vivenciar um lugar agradável ou contemplar uma bela paisagem, até então só vistas em alguma cena de filme.

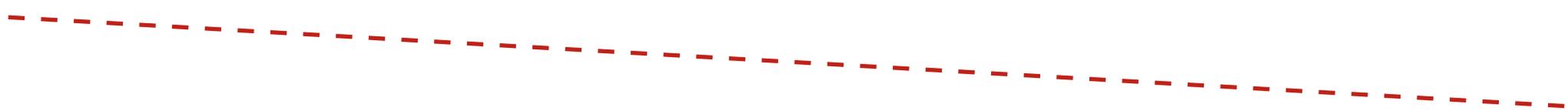
A individualidade de cada casal não poderia ser deixada de lado: os pontos comuns e a perfeita interação do grupo não deveriam sobrepor-se aos hábitos próprios de cada um. Afinal, em briga de marido e mulher ninguém mete a colher! Solução: cada casal em seu próprio motorhome, com a vantagem de que a sua casa lhe acompanharia a todos os lugares. Dessa forma, quando não estivéssemos degustando um sabor local em algum restaurante, poderíamos estar reunidos para um drinque, um almoço ou um jantar, em casa.

Definidos o itinerário básico e o meio transporte, foi estabelecido, em seguida, o tempo de duração da viagem: 25 dias. E lá fomos nós desbravar as terras da Grã-Bretanha: Inglaterra, Escócia e País de Gales. Aqui, estão registradas algumas das inúmeras passagens vividas pela trupe de aventureiros. Àqueles que tiverem a chance de ler esses relatos, boa viagem!



No aeroporto de Brasília

O dia da partida (27.04.2015)



Ansiedade da partida se mistura com a vontade de ficar junto aos netinhos, junto a tudo que você curte, perto dos amigos, na sua casa. Ficar ou partir, eis questão? Shakespeare ou coisa de velho!? Não duvido de mais nada! A chamada para o voo dirime as dúvidas. Todos se encaminham para o avião da Air France. Rumo a Londres, via Paris.

Somos quatro casais. A idade média não pode ser baseada apenas na cronologia de cada um, já que todos têm espírito aventureiro e a cabeça de jovem. Mas, ela passa fácil dos 60 anos (as “meninas” vão me matar!!!). O certo é que todos ainda curtem sexo, drogas e *rock&roll*. Uns mais, outros menos. A pretensão do grupo é percorrer a Grã-Bretanha (Inglaterra, Escócia e País de Gales) de

motorhome. Alguns trajetos serão feitos a pé, outros de bicicleta. Além de mim e Vânia, formam o grupo: Chacon e Alba, Tom e Tanise, esses partindo hoje de Brasília. Saulo e Lu, partem do Rio depois de amanhã. Por motivo que fugiu à vontade de todos, Xandu e Nadia nos acompanharão em pensamento.

Tentaremos visitar o máximo de lugares possível, afinal há quase um ano planejamos essa aventura. Se a diplomacia britânica for o que se espera dela, a Rainha certamente está avisada da chegada de tão ilustres visitantes. Às vezes, penso que ela não seja assim tão eficiente, já que ninguém do grupo, até agora, foi contatado por nenhum súdito de Sua Majestade. Que pena, para ela! Nós, dificilmente teremos tempo para encontros de última hora.



Na Harrods, brindando com champanhe a chegada a Londres

Londres
(29.04.2015)

Overdose de Londres. No primeiro dia, quatorze horas batendo perna pela cidade. Os principais monumentos e pontos turísticos foram revistos. Da culinária inglesa, o que há de mais tradicional por aqui (e põe tradição nisso) nós já degustamos: *fish&chips*, comida chinesa e o chá das cinco. Será que faltou algo? Todos dizem que a gastronomia melhorou por aqui. Tenho minhas dúvidas!

Vocês sabem que os ingleses gostam de conservar tudo. É verdade! Os Beatles eles ainda não enterraram. Assistimos a um musical, no qual quatro rapazes (músicos excelentes) perfeitamente caracterizados à cada época, visitam toda a obra deles, num show chamado *Let it be*. Aliás, quando eles cantaram *Let it be*, me debilhei em lágrimas observando a plateia de “jovens” de mais setenta anos (penso que eu era o mais novo presente)





Duas tradições londrinas: a cabine telefônica e o ônibus de dois andares.

tentando dançar. Saracoteavam como se fora possível deixar as coisas como estão. Infelizmente, não é mais! Temos é que correr contra o tempo, para que o George e o John não pensem em requisitar a nossa agradável companhia. Falando em John, finalmente entendi o porquê dele ter ficado com a chata da Yoko. Há trinta e cinco anos atrás, quando estive por aqui, deslumbrado com o estilo de vida alternativo que os londrinos levavam (eram vanguarda no comportamento, no vestuário, nas artes, na música, etc), não tinha me dado conta do quanto as inglesas são sem tempero, feias mesmo. As orientais sobressaem, são exóticas pelo menos. Daí, a presença da Yoko na vida de todos nós.

Tudo está muito caro (nossa moeda vale cinco vezes menos). Ao constatar o valor da libra esterlina, não pude deixar de me preocupar com a situação de Sua Majestade que, pela primeira vez na história, não foi incluída na lista das trezentas maiores fortunas do Reino Unido. Pobre menina! Sugerí que Londres fosse dada como vista. Não fui levado a sério. Ainda bem!





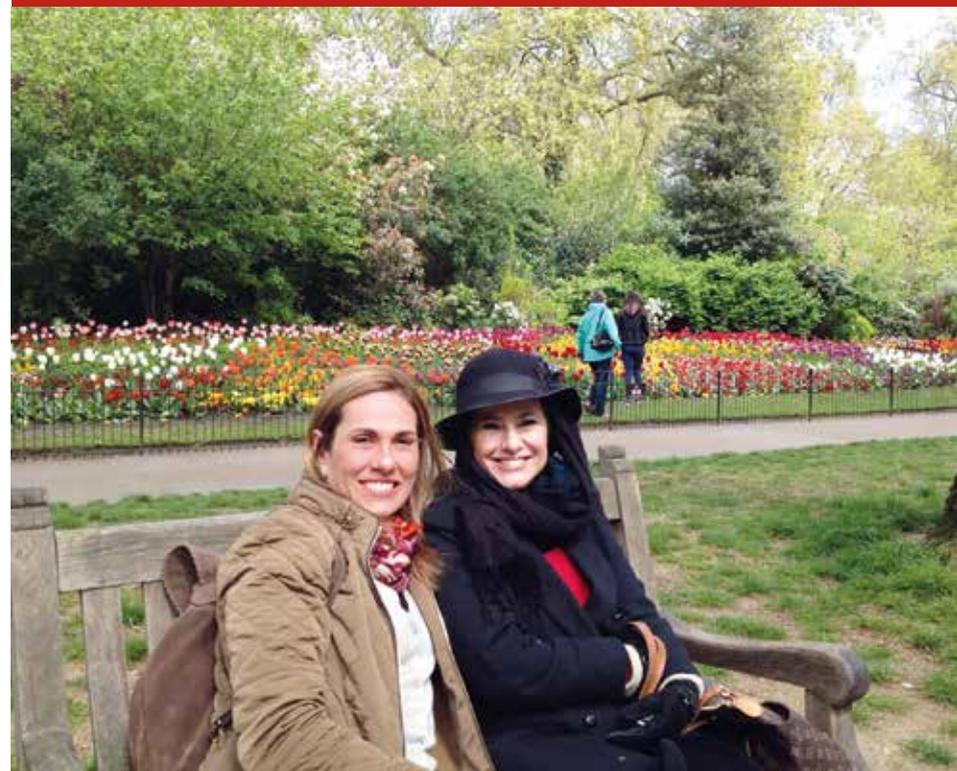
Recepção ao Saulo e Lu em Londres, no Elephant&Castle

Memória de elefante

A trupe está completa. Lu e Saulo chegaram à cidade. A caravana está pronta para iniciar a jornada. É aguardar o sábado, pegar os motohomes e colocar o pé na estrada.

A chegada dos dois merece ser festejada. Fazer o quê? Completar o ritual com aquilo que os britânicos oferecem de melhor aos turistas: uma ida a um pub. E lá fomos! Como os gastropubs estão na moda, a lista de sugestões é longa. Decidiu-se pelo Elephant&Castle. Bastante antigo e procurado, o pub tem uma história interessante. Surgiu como Infanta de Castilla, numa homenagem à eleita de Charles, que em 1625 se tornara rei (o Charles atual, pelo andar da carruagem morrerá como Príncipe de Gales). Com ela, não pôde se casar, pois não aceitou converter-se ao catolicismo (vida amorosa complicada a dos Charles ingleses). Desolado, passou a encher a cara no Infanta. Os amigos de farra, além da dificuldade de pronunciar a palavra espanhola, evitavam qualquer referência ao nome da amada do príncipe. Passam, então, a chamar o local de Elephant&Castle, como se isso fosse amenizar o sofrimento do futuro soberano. Mal sabiam eles que Charles tinha memória de elefante, jamais esqueceu a amada. E haja porre! O nosso foi de alegria, é lógico! Nem foi necessário muito gin.

Memória de elefante mesmo será necessária ao grupo, motoristas e navegadores, para ter presente algo que o nosso cérebro se recusa a aceitar como correto: o sentido invertido das vias inglesas. As manobras mais simples são por ele assimiladas como algo assustador. Já passei alguns sustos dirigindo por aqui. E olha que o carro tinha a direção no lado que consideramos correto. Nós e o mundo! Ainda bem que iremos pegar os veículos a cinquenta quilômetros daqui. Não circularemos pela metrópole.





A trupe passeando no Hyde Park

Não saio extasiado de Londres. Infelizmente, as coisas maravilhosas são facilmente superadas pelo preço que se pratica: tudo é caro. Para se ter uma ideia: o ticket para um só trajeto de metrô custa a bagatela de cinco pounds (mais de vinte e cinco reais).

E a Rainha? Não nos deu a menor bola. E eu ainda lhe concedi uma segunda chance. O taxi que nos trouxe para o hotel passou em frente ao Palácio de Buckingham. Abri a janela do carro para, caso ela estivesse na varanda, acenar para Sua Majestade. Ela não apareceu. Talvez assustada com alguns milhares de pessoas que se acotovelavam nas grades do palácio querendo vê-la ou, quem sabe, envolvida nos preparativos do nascimento do novo bisneto (será um outro Charles? Tomara que não. O nome não parece dar sorte aos membros da família real). O certo é que, com ou sem o beneplácito da Rainha, a comitiva deixará Londres no sábado. Será que é preciso memória de elefante para lembrar do pouco caso de Sua Majestade? Lógico que não! *"The Queen lost the last chance to meet me."*

PS. A nota original eu, sem querer, deletei ao tentar postar. Acho que foi o cansaço devido ao fuso. Ele também cobra a sua conta. Aliás, estão me espremendo aqui em Londres. Para onde me viro, tem conta para pagar. O Chacon disse que eu estou (di)fuso, com/n(fuso) e sem(fuso). Penso que está é faltando para(fuso).





As gêmeas vendedoras de doce. Cambridge, Inglaterra.

Flapjack

(03.05.2015)



O dia de ontem não foi fácil. Além de ter deletado a nota que iria postar, eu, aliás todos, tivemos que travar o primeiro contato com os motorhomes. De cara, a impressão é de estar montado num gigante que precisa se locomover em terra de anões. Foram muitas guias, árvores e plantas podadas e inúmeros arranhões nos bólidos. Pensam que é só dirigir? Enganam-se! E a adaptação ao novo endereço residencial, então? São incontáveis botões para se lidar: água, luz, aquecimento, esgoto, bateria, cozinha, som e por aí vai. Tudo depende de você. A sorte é que estamos em quatro (ou será que estamos de quatro!?). O certo é que a troca de informações facilitou a vida de todos.

O ponto forte de ontem foi o nosso jantar. O primeiro no camping. Coisa de lorde. Para não parecer deboche, mencionarei apenas que teve vinho, champanhe, *fois gras*, caviar e muito mais. Não estamos na França, não é isso! É que o preço das coisas começou a se ajustar. Foi uma grande noite!

Estamos em Cambridge. O dia amanheceu chuvoso. Bem inglês! O que parecia prenúncio de um dia complicado, não se confirmou. Muito pelo contrário! De cara, na saída do camping, encontramos com duas princesinhas gêmeas vendendo *flapjack*, um doce típico daqui. Tendo elas como exemplo, começo a mudar meu pensamento: as inglesas são lindas. O doce que era vendido por Flore e Claire, parece ter adoçado os demais moradores de Cambridge. Logo no primeiro pedido de informação, sem perder o ar de superioridade que lhes é tão peculiar, um local, de forma gentil e até constrangida, nos acompanhou por mais de quinze minutos até um ponto de informação turística. Tudo porque o caminho mais fácil para chegar ao lugar estava em obra e tapumes impediam o trânsito aos pedestres. Ficamos impressionados com tanta atenção.







Cambridge e suas trinta e cinco universidades estavam em festa, uma espécie de carnaval. Um grupo tentava fazer uma batucada ao estilo baiano. A coisa se parecia mais uma marcha militar, o que não impedia a alegria da estudiantada, movida a álcool, *of course*. A comitiva redimiu-se dos pecados. Todos devidamente compenetrados assistiram à missa dominical. Missa com coral da Igreja Anglicana, na King's College Chapel, com direito a doação aos flagelados do Nepal. Das inúmeras e rápidas visitas, a do Trinity College emocionou. Criado por Henrique VIII, em 1546, o pátio do Trinity foi palco da corrida contra o relógio que se tornou famosa pelo filme Carruagens de Fogo.

Na nossa volta, ao final da tarde, quem a gente ainda encontra no batente? Isso mesmo, Claire e Flore. Não pude deixar de comer mais alguns *flapjacks*. Contribuí com mais alguns *pounds*, embora elas tenham deixado claro que o "apurado" tinha sido muito bom. Vão longe essas duas doces pequenas.

Penso que os ingleses deixaram Londres à deriva, sob o domínio exploratório dos russos, árabes, indianos e chineses.

Aqui, não! A verdadeira Inglaterra começa a se mostrar. Nós, começando a curtir verdadeiramente.



A trupe nos muros da fortaleza de York, Inglaterra

Casos de policía

(04.05.2015)



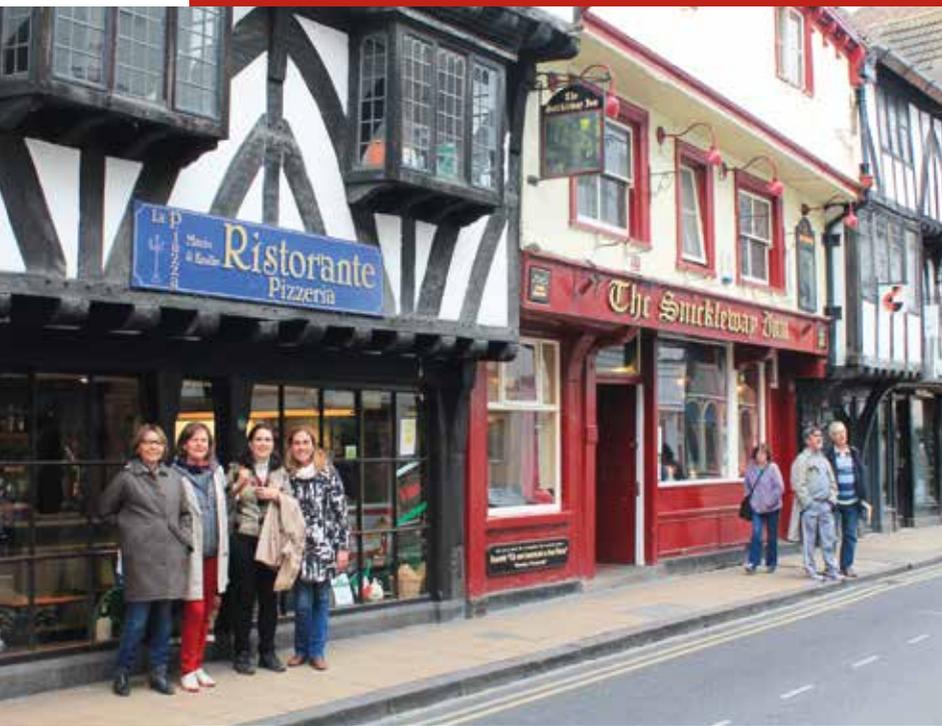
Dia da partida de Cambridge. Por aqui, a especulação sobre o nome da bisneta da Rainha termina com a divulgação de que a princesa atenderá por Charlotte Elizabeth Diana. Alguém quer apostar como ela se tornará conhecida? Diana, é claro! Só para infernizar Sua Majestade. Deve ser por isso que, até ontem, ela não havia visitado o mais novo membro da família. Não temos nada a ver com isso, mas é bom saber que a Rainha conviverá com Diana o resto dos seus dias.

Alegria por partir? Sim e não. Cambridge além de bonita, com os seus prédios históricos, é uma cidade vibrante por conta da alegria dos seus jovens estudantes. Além do que, não teremos mais como degustar os doces maravilhosos das princesas Claire e Flore. Diferente de Londres, levaremos saudades da nossa primeira parada.



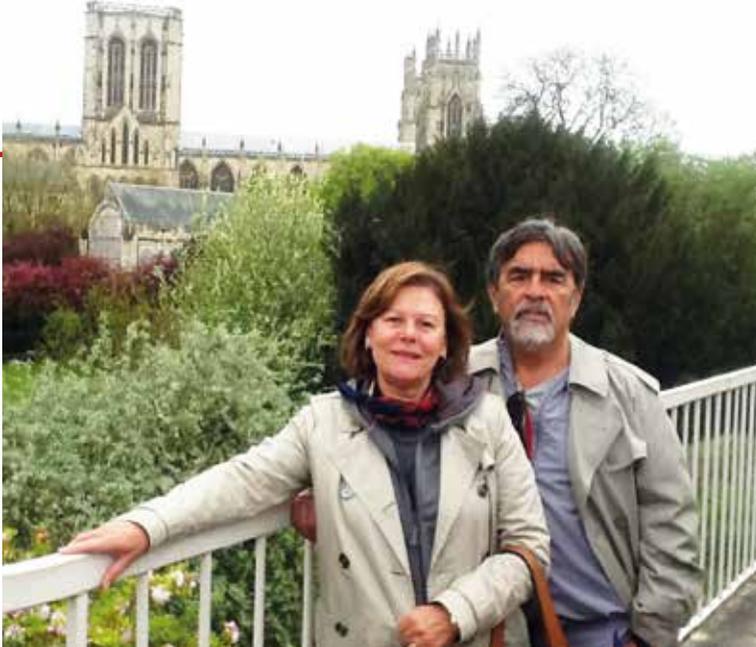
Agora, rumo a York. Tido como um dos destinos mais fascinantes da Inglaterra, a cidade foi fundada pelos romanos em 71 d.C. É conhecida como a "cidade viking", por ter sido dominada pelos vikings 800 anos mais tarde. O grande atrativo da cidade, cheia de ruelas medievais e muradas, é, sem dúvida, Yorkminster: a maior catedral gótica do norte da Europa.

Vocês já devem ter ouvido que dia de muito é véspera de pouco. Parece ser verdade. O de ontem, foi uma maravilha. Então, o de hoje...! A dificuldade da mão inglesa se fez presente no trajeto para York. O protagonista alega ter sido um pequeno vacilo. As mulheres afirmam ter sido imprudência. Os amigos, com a solidariedade da onça (perde-se o amigo, mas não a piada...), cravaram que foi barbearagem pura. A mulher está desconfiada de tentativa de homicídio, já que a



batida seria no lado dela. O certo é que o marido, além de tratar do esgoto, gás e energia, havia sido obrigado por ela a lavar a roupa e a louça acumuladas. Seria legítima defesa! Brincadeiras a parte, foi um grande susto. Felizmente, o que poderia ser um grave acidente, teve como resultado apenas a quebra de um retrovisor do motorhome.

Nosso novo endereço é distante da cidade: cerca de vinte milhas. Como o dia estava bonito e chegou-se relativamente cedo, resolveu-se visitar York no mesmo dia. Os oito se aboletaram em um único motorhome para evitar problema de estacionamento na cidade. O gerente do camping alertou ser proibido o trânsito de pessoas sem o cinto de segurança, embora tenha dado uma piscadela cúmplice e dito para que as pessoas se abaixassem no caso da polícia aparecer. Oito pessoas para quatro cintos. A conta não fechava. Foi-se assim mesmo.



O que é uma pequena travessura (infração de trânsito) perto de uma tentativa de assassinato?

Todo velho tem mania. A da maioria do grupo é andar sem norte, sem orientação. Poderiam utilizar GPS, Google Map, etc. Nada, nem bússola! Resultado: o trajeto levou mais de noventa minutos para ir e mais noventa para voltar. Na ida, tomou-se o sul quando a direção deveria ser o norte. Na volta, o que aconteceu? O contrário, pegou-se o norte quando deveria ser o sul. Saldo: entre mortos e feridos, todos se salvaram.

A pretexto de que chovia e fazia muito frio, deu-se por encerradas as atividades do dia. Na verdade, após mais de seiscentos quilômetros rodados, o cansaço bateu em todos os velhinhos transviados (os mais jovens consultem o dicionário), mas velhinhos. Sim! Após o susto, o casal do quase acidente não se desgrudou mais. Passaram o dia como dois pombinhos apaixonados, o que parece afastar a tentativa de homicídio. Alguém disse ter ouvido o ranger das molas e que o veículo deles chacoalhou boa parte da noite. Teria sido briga? Outra coisa é difícil de acreditar.

York é uma boa cidade. A catedral é muito linda. Vale a visita!

Como depois da tempestade vem a bonança, amanhã será outro dia.





A trupe: da esquerda para direita, Alba, Vânia, Chacon, Lu, Saulo, Tom e Tanise. Agachado: Guarany

Um rápido perfil da trupe (05.05.2015)



Não se trata de uma estreia. Na sua integralidade, ou em parcela dele, o grupo tem batido perna por várias partes do mundo e se utilizado dos mais variados meios de transporte. Além dos mais tradicionais (avião, automóvel), já se viajou de navio, de barco, a pé, de moto e mais recentemente a maioria do grupo percorreu de peniche (tipo de barco) o canal francês da Borgonha. No último dia 31 de dezembro, a maioria do grupo esteve reunida em Cartagena, na Colômbia, para ver o nascimento do ano de 2015. Como previsível, novas aventuras foram planejadas!





Alba e Chacon

Alba e Chacon são jornalistas em Brasília. Estão casados há 30 anos, têm um casal de filhos e um casal de netos. Alba é sócia de uma empresa de comunicação. Já jogou vôlei e foi modelo de moda, fez carreira no jornalismo como repórter de vídeo e colunista da TV Globo. Extrovertida, bem humorada, gosta de cozinhar, faz pilates, caminhadas e, quando pode, dedica seu tempo a cuidar dos netos. Sérgio é caipira, do interior de São Paulo, já foi repórter dos jornais O Estado de S. Paulo e Correio Braziliense, há 37 anos é funcionário da Câmara dos Deputados. Introverso, tímido, às vezes até rabugento, pegou gosto pelas viagens com Alba. Juntos, com ou sem os filhos e, também, na companhia de amigos, viajam 2 ou 3 vezes ao ano pelo Brasil e ao exterior. Adoram a natureza. Passam a maioria dos finais de semana na fazenda em Formosa-Go, onde curtem o por do sol, andam a cavalo, nadam, fazem caminhadas nas matas e a noite brindam a vida com um bom vinho. O Rio de Janeiro é também um outro refúgio do casal. Colecionam muitas viagens e algumas aventuras a destinos diferenciados como trajeto de *peniche* no canal da Borgonha (Fr), lençóis maranhenses, voo de balão em Goreme (Turquia), sítio arqueológico de Sete Cidades (PI), visita a Machu Pichu (Peru), entre outros.



Tanise e Tom

Tanise e Tom completaram 36 anos de casados no dia 01 de maio de 2015. Ela, com 58 anos de idade, é socióloga e consultora. Ele, com 62 anos, é arquiteto, empresário e consultor na área de urbanismo/mobilidade urbana. Dentre as atividades, destacam a prática de caminhada, passeios à cavalo e viagens. Tom é um grande colecionador de carrinhos em miniatura, hobby que cultiva há longos anos. Possuem um casal de filhos, uma neta e um neto a caminho.





Lu e Saulo

Lu e Saulo estão casados há 14 anos. Ela com 48 anos, foi funcionária da Varig durante 20 anos, hoje é promotora de eventos e empresária. Ele com 65 anos é médico formado em 1972, cirurgião pediatra e professor em atividade na UFRJ. Dentre os hobbies, ela aponta gastronomia, enologia, pilates, caminhada, música popular brasileira, turismo e reuniões com os amigos, dentre as atividades que mais aprecia. Entre os hobbies, ele destaca a enologia, caminhada, cultura francesa, Angra dos Reis, filosofia, política, xadrez e palavras cruzadas. Ambos gostam de viajar, buscando mergulhar no cotidiano das cidades para alargar os horizontes no contato com os nativos. Sempre que possível, percorrem as cidades a pé (exemplo: distâncias como a existente entre o Vaticano e a estação Termini, em Roma, são facilmente percorridas).







Vania e Guarany

Ela tem 59 anos e ele 61. Formam o casal mais longevo do grupo completarão, em dezembro de 2015, quarenta anos de casados. Ela é socióloga e servidora aposentada do Banco do Brasil. Ele é advogado e servidor aposentado do Senado Federal. Dentre as atividades esportivas, ela pratica *cycling*, corrida e musculação. Ele prefere caminhada, pilates e bicicleta. Entre os hobbies, além de viajar (o que fazem com frequência), o casal gosta muito de cinema, teatro e leitura. Ela adora gastronomia e ele é motociclista. O casal destaca a convivência com os amigos entre atividades que mais lhes dá prazer. Ele é aventureiro e ela centrada. Têm três filhos homens e três netos, dois meninos e uma menina.

- Próximo destino: Alnwick, a caminho de Edimburgo.



Visita ao Alnwick Castle, Inglaterra

A fábula do sapo

(07.05.2015)



No trajeto para Alnwick, uma parada obrigatória na oficina. Um pequeno retoque nos gigantes. Penso que dois retrovisores, apenas, foi um saldo até estimulante nesta fase de aprendizado. Todos estão bem familiarizados com o trânsito de mão inglesa, embora alguns sustos ocorram aqui e ali. Nenhum contratempo, já que a velocidade de cruzeiro tem sido bem conservadora. Todos ileso, tranquilos e experientes. O problema será dirigir aí. Dizem que o hábito de fumar cachimbo deixa a boca torta. Pois é, a preocupação é que algum de nós importe o modo inglês de dirigir. Na volta, é provável que os velinhos sejam obrigados a passar por uma reciclagem. Menos mal, pois já estaremos em casa. O galo (que é velho, senão seria frango) canta melhor no seu terreiro, não é verdade?

Hoje, foi o início da visitação a inúmeros castelos. Os quatro cavaleiros da trupe exalavam a expectativa de serem reconhecidos como príncipes. E tome castelo! Atrapalhados, na busca desse



reconhecimento, combatiam inimigos imaginários como se fossem o verdadeiro Exército Brancaleone (do filme paródia de Dom Quixote). Diferiam dele, no entanto, pois não contavam com nenhum cavalo, muito menos Rocinante, e sim com um único gigante movido a motor, o já íntimo Motorhome. Em companhia das mulheres, começaram a maratona.

Alnwick é uma pequena cidade mercado. Suas ruas formam um labirinto com antigas construções de pedra. A primeira parada foi o Alnwick Castle. É o segundo maior castelo habitado do país. Ricamente decorado, ele é facilmente reconhecido pelos fãs de Harry Potter, pois o seu exterior serviu de cenário para o filme. Outros filmes também tiveram sua locação no castelo, com destaque para as cenas internas da série de TV, Downton Abbey. O almoço foi aqui, no Bistrô Liburns. A maioria do grupo comeu *fish & chips*. Realmente muito bom (aliás, aos poucos, começo a reci-



clar o meu pensamento sobre a comida inglesa: come-se bem no interior). O peixe é especial, não se pode esquecer que estamos à beira do Mar do Norte. O cordeiro idem. São várias as fazendas de criação aqui no condado, que é basicamente rural.

Em seguida, foi-se ao Bamburgh Castle, que também ainda serve de residência aos seus proprietários. Atrasados, não foi possível a visita interna. Mesmo da parte externa, deu para sentir a beleza do castelo, quase tão grandioso quanto o primeiro. Em desabalada carreira a trupe deslocou-se para Lindsfarne, também conhecida como Holy Island, que é inacessível com a maré alta. Chegou-se em torno das dezessete horas e adivinhem? A maré estava alta! Só começaria a baixar depois da vinte e uma horas. Lindsfarne Monastery é o berço da cristandade inglesa e ponto de romaria de fiéis de todo o Reino Unido. Foi uma pena, que seria recompensada na visita seguinte.

Seguiu-se para Craster, uma pequena e charmosa vila de pescadores que abriga as ruínas do Dunstanburgh Castle. Não se



percebe a caminhada de quase dois quilômetros, entre a vila e o castelo, pela beleza deslumbrante da paisagem. O jantar foi num aconchegante restaurante local, chamado Jolly Fisherman. Todos comeram frutos do mar, é lógico. O crab, que é a especialidade local, foi o carro chefe. Fantástico!

No retorno para casa, tarde da noite, pensei que, a exemplo da fábula do sapo e do príncipe, pelo menos um dos cavaleiros sofreria alguma transformação. Senão príncipe, pelo menos lorde de qualquer quilate. Ao me olhar no espelho, vi aquele sapo ao qual já me acostumei. É bem verdade que os olhos dele estavam meio caídos, como se estivesse com sono. Vai ver algum outro da trupe virou príncipe. Vou dormir, amanhã eu confirmo.

O pior, é que ainda estão programados muitos castelos. Será se eu tenho chance!?

Amanhã, a caravana segue para Edimburgo, onde ficará por três noites.





Fronteira da Inglaterra com a Escócia

Turista sofre

(10.05.2015)

Cedo chegou-se à divisa da Inglaterra com a Escócia e, naturalmente, foi-se visitar mais um castelo (já está ficando tão natural, que qualquer hora pego um para chamar de meu). O escolhido foi o Tantallon Castle, ou as ruínas dele, em North Berwick. Construído em 1350, no topo de um penhasco de frente para o mar, foi o último grande castelo edificado na Escócia.

Após o almoço, rumou-se para a capital. Para conhecer o centro de Edimburgo e seu famoso castelo, a trupe se dividiu em dois grupos. O Edinburgh Castle é uma impressionante construção no topo de um rochedo, que domina a cidade. É a segunda atração mais visitada da Escócia (recebe cerca de um milhão de pessoas por ano). O papel de turista deve ser cumprido com denodo, pensei: mais um castelo, menos um castelo, não faz diferença. Absurdo, é vir à capital da Escócia e não conhecer um dos seus mais famosos atrativos? Então, sem sofrimento, fui à luta. Vale à pena? Não emociona, mas deve ser visto. O tradicional tiro de canhão, que desde 1861 é disparado às 13 horas no castelo, é que decepciona. Não passa de um traque. A multidão que se aglomera para acompanhar o ritual se queda silenciosa, atônita, sem saber como reagir. No Brasil, com certeza ocorreria uma estrondosa vaia. E o que dizer do pavilhão das joias da Coroa? O que menos se vê são joias, coroas são muitas (nenhuma agradou aos velinhos). Merece vaia também. Diferente é a St. Margaret's Chapel, a construção mais antiga de Edimburgo, datada do século XII. Uma pequena igreja de pedra dentro das muralhas do castelo que, mesmo eu não sendo um crente, fiz uma oração por todos nós. De tão pequena, ela talvez não comportasse o adjetivo deslumbrante, mas ela é!

São várias as atrações da cidade. Ela é simplesmente linda, como se fora uma praia com inúmeros castelos de areia. Grande parte das construções possuem torres medievais, construídas semelhantes a igrejas góticas. São, no entanto, mercados, centros culturais, restaurantes, feiras, residências e até igrejas.





O Edinburgh's Festival Center, por exemplo, parece uma imensa catedral, as paredes da construção de 1875, no entanto, nunca abrigaram um culto sequer. Só atividades artísticas e culturais. Estamos encantados com a cidade e principalmente com a Escócia que, apesar do frio intenso e da chuva que não dão trégua, nos parece ser melhor que a Inglaterra.

Tipo a surpresa mora ao lado, a grande visita seria no dia seguinte. A menos de duzentos metros do nosso camping está Rosslyn Chapel, uma das mais preciosas igrejas da Idade Média. Reza a lenda que foi construída pelos Templários, em 1446, para proteger o Santo Graal. A sua história é cheia de segredos. Envolve desde Santa Maria e Santa Madalena na proteção do Santo Graal, até os templários e maçons. Popularizada pelo filme O Código da



Vinci (aqui foram gravadas as cenas finais), a capela hoje se rivaliza com o Lago Ness no ranking dos mistérios que povoam o imaginário popular. O certo é que ela emana uma atmosfera mística e é de uma beleza sem igual. Divina, mesmo! Vale a leitura sobre o tema: livro, ou mesmo internet. O grupo, no retorno, voltará a assistir ao filme.

Depois da capela, decidiu-se visitar o Palácio Holyroodhouse, a residência oficial da Rainha. Para mim, era demais! Além de ter desistido da ideia de virar príncipe, ainda não digeri o descaso de Sua Majestade na nossa estada em Londres. Está muito recente a desfeita. Desfalquei a trupe no programa.

Amanhã, rumo à capital do petróleo da Europa. Opa! Antes que alguém imagine algo com relação ao “petrolão”, Aberdeen é a cidade de nascimento de um grande amigo meu.





Em Aberdeen, na Escócia. A trupe foi recepcionada pelo Allan

Na rota do uísque

(12.05.2015)



Allan Stirling é um grande sujeito. Mora no Rio há anos e é casado com a Denise, amiga/irmã de muitos do grupo. Forcei um desvio da rota original para visitar a cidade onde ele havia nascido. Uma boa surpresa para todos: quem estava na cidade? Ele, o Allan. Veio para resolver algumas pendências (tem filhos que ainda moram por aqui). O almoço foi num restaurante recomendado por ele. O menu: *aberdeen angus*. A carne estava perfeita, sem reparos. Todos se deleitaram. A conta, um pouco salgada, não ofuscou a alegria de ter revisto um amigo. Ruim, foi a sobremesa: o tempo pago para o descanso dos gigantes no estacionamento expirou. Resultado: multa. Sessenta *pounds* menos no bolso de cada casal. Ah! Tem um segredo que não revelei: o Allan não é de Aberdeen. Ainda bem que é da Escócia.

Duzentos e cinquenta para Aberdeen e mais cento e vinte quilômetros em pequenas estradas em direção a Elgin no mesmo dia, teve como consequência um certo stress e muito cansaço nos, agora destemidos, motoristas. O novo endereço levantou o astral. Ficava na região do Speyside (os admiradores de uísque sabem a que me refiro). O camping está localizado entre Dufftown e Charlestown of Aberlour. Dufftown é simplesmente a cidade do *single malt*. E o Spey River margeia a estrada entre elas. São



inúmeras destilarias na área. Para quem já foi colecionador de uísque, como eu, não dá para imaginar endereço melhor na Escócia. Recolhemos os gigantes e caminhamos três quilômetros na trilha que acompanhava o Spey River até Aberlour. Num pub muito charmoso e alegre, o álcool deixou o cansaço no passado e a noite bastante agradável. Por obviedade, não preciso falar da qualidade do uísque. Posso, no entanto, dizer que a sopa de lentilha e o salmão defumado estavam excelentes.

Na manhã seguinte, um café tipicamente escocês na estação de trens de Dufftown. Imaginem! Serviram linguiça, salsicha, chouriço de miúdos, bacon, feijão temperado com catchup, panqueca, bolo de batata frita, entre outras



coisas "lights". Foi pesado! Diz o Chacon que finalmente havíamos chegado à Escócia profunda.

Visitamos uma única destilaria, a Glenfiddich, que fica ao lado do camping (o tempo cada vez é mais curto). Não pudemos comprar sequer uma garrafa de uísque, a loja estava em reforma. Decepção que aumentou, quando vimos os preços das garrafas nos shoppings da cidade: impraticáveis, três vezes o preço do Brasil. Para não sair de Speyside com as mãos abanando, as compras se resumiram a algumas miniaturas. Sem demora, partimos para Elgin. A expectativa de comprar na Johnstons of Elgin, que possui a melhor cashmere do mundo, deixou as meninas eufóricas. Parece que tiraram o dia para brincar de princesa. Não bastasse a visita a tão afamada loja, resolveram, talvez solidárias com a nossa decepção de continuarmos sapos, dormir no Tulloch Castle, nas proximidades do Lago Ness. Quem sabe, não seremos príncipes por uma noite!?



Vocês perceberam a ironia. Como hoje, não fomos visitar castelos, as mulheres resolveram nos encastelar. Um brinde!



Lu, Vânia, Alba e Tanise no Lago Ness-Escócia.

As monstras do Lago Ness

(13.05.2015)

O fato da minha cara metade significar pelo menos oitenta por cento na relação, não pode inibir minha opinião. Então vamos a ela.

Nada contra as mulheres! Pelo contrário! Trata-se de simples constatação. Longe há alguns dias do Brasil, já bate um banzo. Aí me lembro da Dilma e encontro coragem para enfrentar os monstros e assombrações daqui. Deixo ela para vocês, pelo menos por mais alguns dias.

Visitamos o Loch Ness. Lago de água doce, localizado nas terras altas (Highlands) da Escócia, tem cerca de 37 quilômetros de comprimento e ocupa uma área de 56,4 quilômetros quadrados. Superou as expectativas. O intenso turismo já se justificaria pela beleza do lago e de tudo que o cerca, mas ainda tem a mítica que





envolve o seu mais ilustre habitante: o mundialmente famoso Monstro do Lago Ness. Sabem como ele é chamado pelos escoceses: Nessie. Isso mesmo. Ele não é monstro, é monstra. É menina, dá para acreditar!?

Ontem, dormimos no Tulloch Castle, na cidade de Dingwall, ao lado de Inverness. Ele teve a sua construção iniciada em 1166 e como todos os castelos britânicos (penso ser também uma tradição), o Tulloch também tem o seu

ghost particular. Os estudiosos de fenômenos paranormais dizem que foram vários: homens e mulheres, jovens e velhos, de várias classes sociais, que habitaram em vida o local e, depois de mortos, recusavam-se a abandonar o pedaço. Até que foram expulsos por um *ghost* que reina absoluto no local: a Green Lady! Mais uma mulher (não é à toa, que os homens escoceses usam saia)! Era uma linda jovem, filha de um importante lorde, que se suicidou após ser seduzida. Com a beleza estonteante realçada no verde

florescente, de seduzida passou a seduzir. E faz muito sucesso! Enquanto doze pessoas apreciavam um excelente jantar no restaurante, uma expedição de mais de vinte explorava as demais dependências do castelo, na busca de um *tête a tête* com a *ghost*. O guia, se não era ela disfarçada de monstro, com certeza será um forte concorrente no futuro. Era uma figura fantasmagórica, assustadora. No caso, a melhor torcida é pela mulher.

As nossas meninas manifestaram preocupação com a presença da Green Lady. Alegavam medo com a história de assombração. Percebi, isso sim, preocupação com a alardeada beleza da *ghost*. E se ela resolvesse se encantar com algum dos cavaleiros do Brasil? Felizmente, até onde sei, ela não havia aparecido. Fomos dormir tranquilos.

Após tantos dias no aperto dos motorhomes, iríamos passar uma noite confortável no amplo quarto de um castelo. Com certeza, também era essa a ideia das meninas. Não sei, se sonho ou imaginação por causa das várias doses de uísque, acordei com gritos vindos do corredor que alertavam para um ataque em massa das monstras do Lago Ness ao hotel. Quando abri a porta do quarto, os meus amigos Tom, Chacon e Saulo desesperados, passaram ofegantes, praticamente despidos, com os olhos arregalados como se tivessem visto o capeta, diziam que as monstras queriam pegar eles (Mais de uma? Não é possível! Nem os mais estudiosos pesquisadores devem saber que existe mais de uma). Numa fração de segundo, pensei: eles viram foi a Lady Green. Me voltei para o quarto, para avisar a Vania do ocorrido, quem estava lá, pronta para o bote: a Monstra do Lago Ness (ainda dizem que ela não dava o ar da graça há dezenas de anos). Quatro, na mesma noite! Não dá para acreditar. Pelo sim, pelo não, pernas para que te quero! Em desatinada carreira eu os alcancei e num lugar que julgamos seguro fizemos um pacto para ingerir menos álcool.

Na manhã seguinte, no café, nenhum comentário sobre o ocorrido. Os homens calados, aguardavam elas, alegres e satisfeitas, decidi-



rem (manda quem pode, obedece quem tem juízo) sobre o trajeto, o que deveríamos fazer durante o dia, onde parar, o que ver, essas coisas. Monstras e Green Lady, nada! Devo ter sonhado. É, foi isso! O certo é que o mundo está cada vez mais feminino. Que bom! Mas podiam deixar, pelo menos, o papel de monstro para os homens.

Amanhã passaremos por Perth e Oban, para curtir um pouco mais as Highlands. Sem *scotch*, naturalmente. Vai tirar um pouco do brilho da viagem, mas estaremos livres dos pesadelos, ou não!?



O tocador de gaita, em Edimburgh-Escócia

Saudades de Alba

(15.05.2015)



Hoje deixamos Alba. Não, não é a nossa Alba! Ela continua firme na trupe. Alba é o nome da Escócia em gaélico escocês. Fim da visita a esta parte da Grã-Bretanha. Despedida é sempre triste. Não foi diferente com a nossa partida de Alba. A tristeza parecia recíproca. O tempo, que vinha melhorando com o passar dos dias, hoje amanheceu cinza e gelado. Até rolaram algumas lágrimas do céu. A Escócia tentava ignorar a nossa partida, tipo homem vendo cena romântica triste no cinema. Diz não se emocionar, com os olhos cheios d'água. A trupe não! Partia com o gostinho de quero mais. À Escócia é bela. Beleza só comparável à gentileza dos escoceses. Entusiasmavam-se quando descobriam que éramos brasileiros. É um país a ser visitado.

Nos últimos dias, passamos por Perth e Oban. O caminho para Perth foi extenuante. O local escolhido para nosso pernoite era na área rural. Dureza: uma estrada de vinte e cinco quilômetros com a largura de uma ciclovia, fazia parte do itinerário. Em determinado ponto, os gigantes se apequenaram frente a um ônibus de dois andares, com turistas em excursão pelas incontáveis fazendas de gado e ovelhas. Mais de quarenta minutos de manobras, com múltiplos avanços e recuos, conseguimos





seguir em frente. Mais uma boa aventura. Só os britânicos conseguem rodar em estradas tão estreitas. Eles têm a experiência (e paciência). Nós, cristãos novos, tendo que dirigir um veículo enorme, com volante do lado oposto ao qual estamos acostumados, numa estrada de mão dupla onde mal cabia um veículo, é um sufoco! E todos já se imaginavam experts. Só rindo!

Chegamos tarde e famintos. Achamos logo um restaurante em Bridge of Cally, uma cidadezinha ao lado do camping. Na sala principal, duas mesas grandes: o nosso grupo com oito pessoas e um grupo de escoceses de doze, dez mulheres e, apenas, dois homens. A integração foi total. A balbúrdia e a gritaria também. Uma festa! Plenamente jus-





tificada, diga-se de passagem, pela a alegria do encontro de gerações diferentes. Nós, na flor dos sessenta anos e o outro grupo no auge da vitalidade, por volta dos oitenta e cinco anos de idade. No dia seguinte, ao nos dirigirmos para Oban, uma das mocinhas escocesas viu, da varanda do hotel, a passagem da trupe. Aos gritos chamou todos os colegas, que acenavam e mandavam beijos para nós. Uma graça. Pelo menos em mim, ficou a sensação de que ainda tenho chão pela frente. Perth, ou melhor, a periferia de Perth, vimos só de passagem.

Fora da programação e mesmo com o tempo apertado, resolvemos ir a Oban, na costa oeste. No meio do trajeto uma parada no Loch Lubnaig para um piquenique. O lugar era um verdadeiro cartão postal. Já a pequena cidade portuária, local de ve-

raneio dos escoceses, é bem charmosa. Foi a cidade que eu e Vânia mais aproveitamos. O frio deu uma trégua. Com o final de dia ensolarado, desentocamos as bicicletas e rodamos por quase todos os lugares de Oban.

No dia seguinte, o circo se encaminhou para levantar a lona em outra praça (nosso amigo escocês Allan disse que teve a visão da chegada de um circo, quando os gigantes enfileirados entraram em Aberdeen). Desta feita, o destino será Liverpool. Será um longo trajeto, mais de quinhentos quilômetros, a uma velocidade média de cinquenta, calculem o tempo. Creio que valerá a pena, pois iremos respirar o mesmo ar que aqueles quatro garotos, que ninguém conhece, respiravam. Isso, é outra história!

Saudades de Alba!



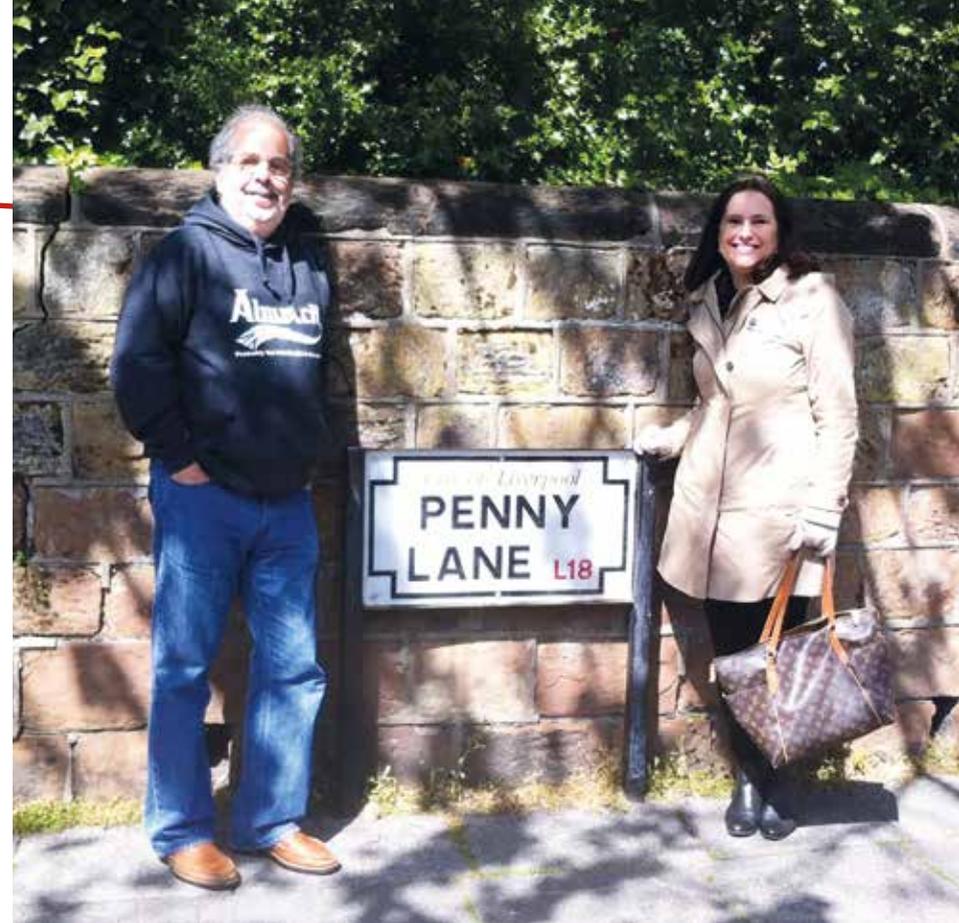
Saulo, Guarany, Tom e Chacon, os 4CBV

Os quatro fabulosos

(17.05.2015)

Ao acrescentarmos Oban ao roteiro, ganhamos um bônus que até então ninguém havia se dado conta. O trajeto até Liverpool passaria pela A82, ainda em território escocês. Trata-se de uma estrada simplesmente maravilhosa. Procurada por motociclistas de toda Europa, ela margeia o Loch Lomond, outros lagos menores e vários castelos. É considerada uma das estradas cênicas mais bonitas do mundo. Realmente, a natureza quis se exhibir aqui.

Outro fenômeno natural, assistimos já na Inglaterra, nas proximidades de Liverpool: a maré baixa no mar da Irlanda. Foram vários quilômetros de areia, que nos acompanharam até bem perto do nosso novo endereço. A variação da maré é bastante forte nas proximidades do Canal da Mancha. Há cada dezoito anos, ocorre o fenômeno conhecido como "As marés do século", quando o nível das águas altera entre doze e quatorze metros. Não afirmo termos presenciado tal fenômeno, mas, ninguém da trupe, havia visto vazante dessa dimensão.





Não podíamos imaginar que esses dois espetáculos fossem o prenúncio do que nos aguardava na terra dos Beatles. Pensávamos tratar-se, como aliás é alardeado, apenas de uma cidade portuária e industrial. Nada disso, Liverpool passou por um processo de revitalização nas docas do porto, que a tornou muito agradável. Clara, limpa, arejada. Em seus amplos calçadões circulam milhares de jovens de todas as tribos. Os músicos inundam a cidade e seus pubs. Totalmente arborizada, a cidade fica mais radiante com os seus inúmeros bosques, parques e jardins. Encantou a todos.

Os quatro cavaleiros brasileiros velhinhos (4CBV) pretendiam tomar Liverpool de assalto, mostrar que mesmo sem guitarras,

seriam capazes de fazer a festa no Cavern Club (em grupo e com a ajuda de muito álcool). No entanto, cada um dos sapos foi solitariamente e com estratégia própria conhecer a cidade dos 4FAB, como os Beatles são conhecidos aqui. Resultado: fracasso total! Ninguém foi notado!

À noite, no retorno para casa, aquele constrangimento. Não se tocava no assunto. Até que uma das meninas (sempre elas) falou que fez o Magic Mystery Tour. Nada mais é do que um passeio de duas horas dentro de um ônibus, que vai a vários locais importantes na vida dos 4FAB. E, surpresa, todos fizeram o mesmo. Como também estiveram, acanhados é verdade, no Cavern Club. Na loja

Beatles Story (jogo de palavras: *store+story*) todos colocaram o pé e compraram algumas lembrancinhas. Mesmo a contragosto, os 4CVB fizeram foi contribuir com o PIB de sua Majestade. Continuamos sapos, sem título e sem castelo. De falsos conquistadores a animados conquistados. E podia ser diferente? Lógico que não!

Se a beatlemania é forte no mundo, imagine aqui. Liverpool que já era tão presente na nossa vida, agora é que não sairá mais da nossa cabeça. Que bom para nós! Se algum jovem de até oitenta anos lhe pedir sugestão de viagem, não hesite: recomende Liverpool.

Na manhã seguinte, não sem antes passar na loja dos meninos para aumentar o peso das bagagens, a trupe seguiu para o País de Gales.





Guarany é coroado no Cardiff Castle, País de Gales

Sois rei!?

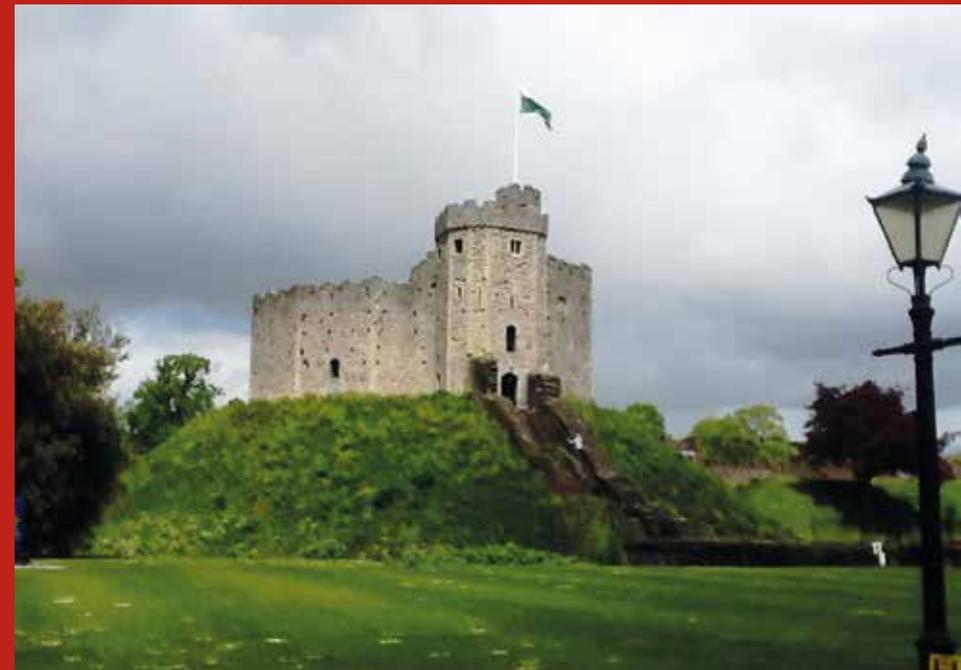
(19.05.2015)

A coroação do Guarany foi apoiada pela Igreja, pelo Exército e pelas mulheres

Todos já montaram quebra-cabeças. Lembro que tinha desde 100 até 5.000 peças. Quanto maior o número de peças, mais deslumbrante era a paisagem que se formava. Não era isso? A caminho de Cardiff, pelas rotas do País de Gales, as paisagens de quebra-cabeças se sobrepõem por segundo. Difícil destacar um lugar especial.

A trupe fez uma pausa em Caernarfon, cidade que tem um lindo castelo como maior atributo e que possui o maior percentual de pessoas que falam o galês no país (língua oficial, ao lado do inglês). Tanto a cidade, quanto o castelo (1090), estão construídos sobre antigas fortificações romanas de mais de





2.000 anos. No País de Gales são apenas 641 castelos. É mole? Por mais que a gente se esforce, não dá para visitar todos, né? Caernarfon é considerado um dos melhores pelos entendidos.

Dormimos dentro da imensa área do Snowdonia National Park, ponto de grande atração turística que inclui montanhas, praias e pântanos. Segundo a lenda, o rei Arthur vela pela região do alto do morro Snowdon, onde dormem os Cavaleiros da Távola Redonda. Nosso camping, o mais rústico de todos em que pou-samos, fica em Beddgelert, uma pequena vila na Snowdonia, com casas de pedra construídas voltadas para um pequeno rio que corre sob uma linda ponte de pedras escuras, em estilo





romano. Muito charmosa a pequena cidade! O nome significa, de acordo com os seus pouco mais de seiscentos moradores, a cama (túmulo) de Gelert. Ocorre que, no século 13, um príncipe galês matou o seu cão chamado Gelert, por acreditar que ele havia atacado o seu filho bebê. Ao contrário do que pensara, o príncipe logo descobriu que o cachorro havia lutado contra os lobos para salvar o seu filho. Daí a homenagem!

Os britânicos continuam a nos surpreender. Nosso endereço estava há quase três quilômetros da cidade. O mal tempo persistia. Não tínhamos outra opção a não ser jantar num restaurante. Enquanto discutíamos como fazer, um auxiliar do camping se ofereceu para nos levar no carro dele. Foram necessárias duas



viagens para transportar todos. E as fez de bom grado. Recusou o convite para jantar conosco e nos deixou constrangidos quando cogitamos de uma gorjeta. Gentileza pura!

O circo teve dificuldade para montar tenda na capital galesa. De Beddgelert até Cardiff foram mais oito horas de estrada. Como nem tudo são flores, ao chegarmos, a primeira e única surpresa desagradável da viagem. Numa atitude pouco comum, nossas vagas no camping, há meses reservadas, haviam sido disponibilizadas a outros clientes. Nos mandaram para um local na área rural. Uma fazenda, cujo acesso exigiu de todos nós paciência e determinação. Vários trechos da trilha (era uma trilha, mesmo) estavam tomados pelo mato. A decepção aumentou na che-



gada: o local não dispunha sequer de banheiros. As mulheres, indignadas, com o descaso, decidiram não aceitar a solução britânica. Exigentes, elas conseguiram acomodação em um camping com excelente localização e instalações. As mulheres são incomparáveis quando tomam a frente de alguma coisa!

No dia seguinte, a visita a Cardiff e seu belo castelo: toda cidade tem o seu, às vezes mais de um. Hoje, a gozação se voltou contra mim. Os amigos resolveram me coroar e me dar um castelo de presente. O escolhido foi o Cardiff Castle, local da solenidade de coroação. De bom grado, aceitei a homenagem. Até, por achá-la justa! A cidade é considerada a capital europeia do momento e atrai muitos turistas. O centro com ruas

medievais se destaca. Inúmeras arcadas (espécie de galerias) parecem serpentear a cidade. São ruas cobertas com estrutura de vidro, uma diferente da outra, presentes em todos os quarteirões. Além de protegerem o pedestre do mal tempo (que é constante), emprestam um charme de modernidade à cidade medieval. A harmonia entre o antigo e o novo se destaca na convivência próxima de duas obras imponentes: o castelo (cuja construção remonta há dois mil anos) e o moderno estádio Millennium (construído para a recente Olimpíadas de Londres).

Sentiram um certo comedimento no texto? É que agora sou rei! A postura é outra. A aventura se aproxima do fim. Amanhã, seguiremos para Bath, a última etapa da viagem.



A trupe se exhibe no anfiteatro romano de Caerleon.

*Tudo que é bom
dura pouco...
(20.05.2015)*

Foram tantos os cumprimentos, que passei a duvidar da intenção de algumas pessoas. Era muito agrado e gentileza. É só porque sou rei, pensei! Creio que alguns já se imaginavam como membros da Corte. Aviso aos interessados: diferente de Luiz XIV, o Rei Sol, que ficou no trono por mais de setenta e dois anos e mais rápido até do que o do rei Momo no Carnaval (três dias de folia), o meu reinado durou menos de vinte e quatro horas. Ao contrário do rei francês que afirmava que: "L'État c'est moi", eu precisava da união da trupe para poder reinar.

Logo após a coroação, fui abandonado pelo Saulo, o único lorde do grupo. Ele detinha o poder moderador na trupe e foi um dos principais responsáveis por minha ascensão ao trono. A oposição diz que ele era um infiltrado da Corte de França na nossa expedição pela Grã-Bretanha. Não acredito! Ele e Lu pareciam curtir muito a viagem. Mas o certo é que os dois nos abandonaram hoje e rumaram para Paris. Parece que eles são muito bem quistos pela nobreza francesa e ficarão hospedados num maravilhoso castelo em Avignon. Estão fazendo falta.

Para amanhã bem cedo está prevista a partida da Tanise-Tom e Alba-Chacon para o Brasil. Então, ficaria feito o rei Momo fora do carnaval: sem súditos, sem reinado e sem coroa. Além do que, o castelo era de cartas e venta muito por aqui. A renúncia foi o caminho mais sensato. Melhor do que ser rei é ser amigo do rei! Estou agora atrás de um! Quem se habilita?

Superado o impacto com a partida da Lu e do Saulo, o restante da trupe colocou os gigantes na estrada rumo ao nosso último camping, em Devizes, cidade próxima a Bath. O caminho era relativamente curto, em torno de cem quilômetros. Então, pegamos alguns desvios para visitas não programadas. E que visitas! A despedida do País de Gales ficará gravada na nossa memória. Começo a pensar que para qualquer lugar que o nariz aponte na Grã-Bretanha, você terá uma boa surpresa.



Guarany finaliza o último relato da viagem, em Bath, Inglaterra.





A primeira parada foi Caerleon, um importante monumento do amplo acervo britânico. As ruínas de um anfiteatro romano com capacidade para 5.000 pessoas onde, dizem, reunia-se a lendária Távola Redonda e o Rei Arthur. Em seguida, rumamos para a Tintern Abbey, uma espetacular abadia do ano 1131, com grande parte de sua estrutura ainda de pé. Finalizamos o périplo (um doce, para quem errar) em mais um castelo! Desta feita o Chepstow Castle (1067), construído sobre um íngreme penhasco a beira do rio Wye. É considerado o primeiro castelo de pedras da Grã-Bretanha.

Não fui bem sucedido nas tentativas de demover Chacon, Alba, Tom e Tanise de partirem. Fugiram pela madrugada, sorrateiramente! Creio que os rapazes não resistiriam a um





último apelo. As mulheres devem ter planejado a fuga. Vá entender as mulheres! Com cada um tomando o seu rumo, o bom astral foi embora. Com ele, a vontade de escrever e a imaginação também se escafederam. Somado a isso, eu e Vânia, que brincamos tanto de realeza, hoje estamos melancólicos: a nossa neta Maria Joana, única e verdadeira princesa da nossa história, completa seis anos de vida. E nós, tão longe, sem poder abraçá-la. Uma tristeza imensa. Quem é avô, facilmente entenderá do que falo. E, ainda, temos dois príncipes: o João Phelipe e o João Vicente. Perdemos foi tempo, procurando castelo por aqui: o nosso reino é aí, no Brasil!

Poucas viagens foram tão enriquecedoras. Muita emoção! Não são muitos os adolescentes da nossa geração com cabeça para encarar a “Adventure by motorhome”, como fizemos. Foi muito chão rodado e lugares visitados. Alguns desencontros, é lógico!

A convivência diária cobra o seu preço. Nada que atrapalhasse a deliciosa aventura. Como já foi dito antes, todos são amigos há muitos anos. Temos mais em comum, do que diferenças. Agora, é só aumentar os feitos, lapidar as mentiras que o tempo tornará verdadeiras. Daqui a alguns anos, pode ser que alguém duvide termos sido recebidos pela Rainha da Inglaterra. Nós, estaremos convictos disso. A trupe só se ressentiu das ausências da Nadia e do Xandu. Oportunidades não faltarão!

Se não ocorrer nenhuma reviravolta amanhã, eu e Vânia, os remanescentes, iremos a Bath, cidade de turismo forte pelas termas romanas lá localizadas. Pouco teremos a acrescentar ao diário de bordo, sem a ajuda dos integrantes da trupe. Por aqui daremos por encerrada a nossa “VISITA À RAINHA”, pelas terras da Inglaterra, Escócia e País de Gales. Foi incrível! Valeu, Grã-Bretanha!



O itinerário

No curso dos vinte e cinco dias da viagem, foram percorridos mais de três mil quilômetros. Alguns lugares previamente estabelecidos a serem visitados, foram deixados de lado, como, por exemplo, Lower Foyers, na Escócia. Outras visitas foram agregadas, como foi o caso de Oban, também na Escócia. O trajeto incluiu as seguintes localidades:

- Londres, Inglaterra
- Luton, Inglaterra
- Cambridge, Inglaterra
- Boroughbridge, Inglaterra
- York, Inglaterra
- Alnwick, Inglaterra
- Bamburgh, Inglaterra
- Craster, Inglaterra
- North Berwick, Escócia
- Rosslyn, Escócia
- Edinburgh, Escócia
- Aberdeen, Escócia
- Dufftown, Escócia
- Charlestown of Aberlour, Escócia
- Elgin, Escócia
- Inverness, Escócia
- Dingwall, Escócia
- Bridge of Cally, Escócia
- Perth, Escócia
- Oban, Escócia
- Southport, Inglaterra.
- Liverpool, Inglaterra
- Caernarfon, País de Gales
- Beddgelert, País de Gales
- Newport, País de Gales
- Cardiff, País de Gales
- Caerleon, País de Gales
- Devizes, Inglaterra
- Bath, Inglaterra



Alguns pontos de interesse visitados



Londres - Elephant&Castle

O Elephant&Castle é um tradicional pub inglês, em atividade desde 1625. A comida é boa e a bebida tem preço razoável. Maiores informações no capítulo "Memória de Elefante".

- *Endereço: 40 Holland Street, Kensington, Londres W8 4LT, Inglaterra. Fone: +44 20 79376382*



Cambridge - King's College Chapel

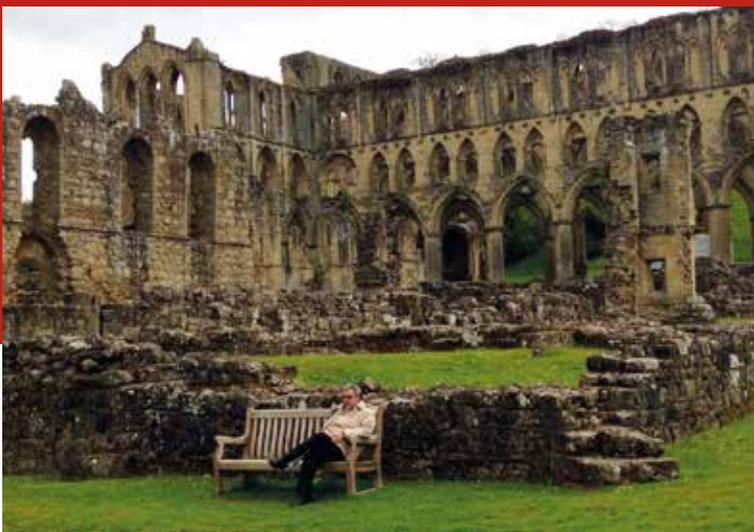
A King's College Chapel foi inaugurada em 29 de julho de 1515. É a capela do King's College da Universidade de Cambridge. Com uma acústica fantástica, além das atividades religiosas, são realizados eventos e concertos do coral da faculdade, que tem reconhecimento mundial. Possui a maior abóboda palmeada do mundo, magníficos vitrais e pinturas, com destaque para a "Adoração dos Magos", de Rubens. Citada no capítulo "Flapjack".

- *Endereço: King's Parade, Cambridge CB2 1ST, Reino Unido.*



Cambridge - Trinity College

O Trinity College foi fundado em 1546 por Henrique VIII. Várias personalidades fizeram parte do seu corpo discente: príncipes, poetas e personalidades inglesas, como por exemplo Francis Bacon e Isaac Newton. Raridades são encontradas na sua biblioteca, com destaque para uma cópia do século oitavo das Epístolas de São Paulo. O Trinity já forneceu trinta e dois vencedores do Prêmio Nobel. Mais informações no capítulo "Flapjack".



York - Rievaulx Abbey

A Rievaulx Abbey foi fundada em 1132 por doze monges cistercienses (voltados para as orações e com pouco contato com o mundo exterior), como parte da missão da colonização do norte da Inglaterra e da Escócia. Dissolvida por Henrique VIII em 1538.



York - Yorkminster

Yorkminster é a maior catedral gótica do norte da Europa. É a sede do Arcebispo de York, o segundo mais alto cargo da Igreja Anglicana. Com 148 metros de comprimento, a catedral sobressai pelos belos vitrais, com destaque para a Grande Janela Oriental de 76 pés de altura, criada no século XV, maior exemplo de vitral medieval do mundo. Mencionada no capítulo "Casos de Polícia".



Alnwick - Alnwick Castle

O Alnwick Castle teve sua primitiva estrutura erguida, em 1096, para defender o norte da Inglaterra das invasões escocesas. O jardim do castelo é um dos mais visitados do Reino Unido, e é fruto do mais ambicioso projeto de paisagismo realizado após a Segunda Guerra. Nas suas torres são exibidos grandes tesouros arqueológicos, como afrescos de Pompéia, relíquias do Antigo Egito e objetos romano-britânicos. Mais informações no capítulo "A fábula do sapo".



Bamburgh - Bamburgh Castle

O Bamburgh Castle é um imponente castelo fundado em torno do ano 420. Está situado no litoral do condado de Northumberland, região ao norte da Inglaterra, construído sobre uma rocha frente ao Mar do Norte. O castelo Bamburgh que vemos hoje é uma estrutura relativamente recente, mas ele tem uma história muito mais antiga. Houve assentamentos no local desde os tempos pré-históricos e escavações regulares que ocorrem no local desde 1960 desenterraram achados arqueológicos importantes. Está referido no capítulo "A fábula do sapo".



Craster - Dunstanburgh Castle

O Dunstanburgh Castle é o maior da região da Northumberland. Situado num magnífico promontório cerca de 1,6 km ao norte de Craster, teve a sua edificação iniciada em 1313. O castelo entra em decadência a partir de 1550, com parte de suas pedras espoliadas para a construção de outros edifícios na região. Ainda assim, a visita às suas ruínas vale cada passo da caminhada que se faz, a partir de Craster. Referido no capítulo "A fábula do sapo".



Craster - Jolly Fisherman Restaurant

O Jolly Fisherman Restaurant é um típico pub inglês, localizado em Craster, uma pequena vila de pescadores de Alnwick, na Northumberland. Criado em 1847, ao longo dos últimos 168 anos serve uma comida caseira deliciosa e cervejas bem elaboradas. Grande variedade de peixe fresco e frutos do mar no menu, a sopa de caranguejo é famosa. Citado no capítulo "A fábula do sapo".

- *Endereço: Haven Hill, Alnwick NE66 3TR, Reino Unido*



North Berwick - Tantallon Castle

O Tantallon Castle está localizado a leste de North Berwick, na Escócia. Situado no topo dos penhascos no estuário de Forth, foi edificado em torno de 1350. Com espessas paredes de pedras e grandes torres, é considerado o último grande castelo construído na Escócia. Referido no capítulo "Turista sofre".



Edimburgo - Edinburgh Castle

O Edinburgh Castle é um dos castelos mais importantes do país e uma das atrações mais visitadas pelos turistas na Escócia. Localizado no topo do Castle Rock, domina toda a cidade de Edimburgo. As estruturas da construção datam do século XVI, embora remonte ao século IX a ocupação humana do local. Ver o capítulo "Turista sofre".



North Berwick – Signals Bistrô

O Signals Bistrô é um restaurante simples, arejado e claro. Serve comida típica da Escócia. O *moule* é simplesmente fantástico. Outros pratos não ficam atrás. O carneiro e o peixe fresco são perfeitos. O atendimento é de muita simpatia, além de você poder adquirir gravuras de autores locais.

- Endereço: 12 Quality Street, North Berwick, SH39 4HP

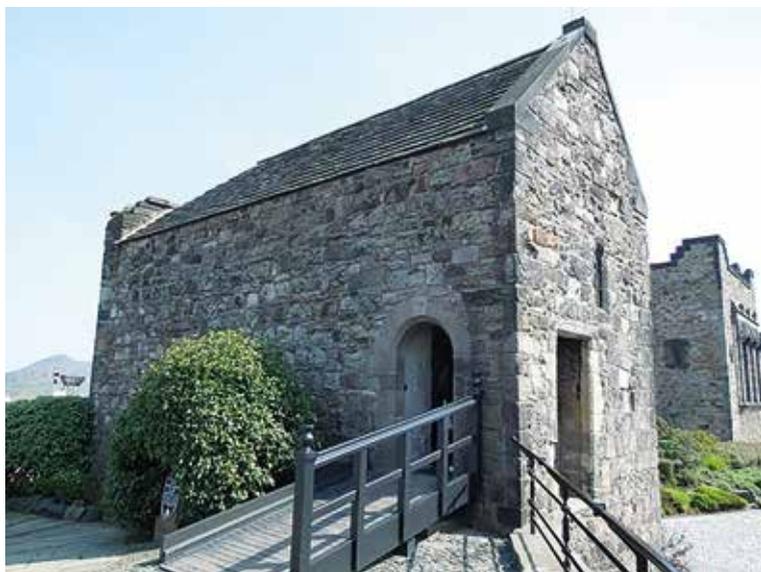


Edimburgo - Rosslyn Chapel

A Rosslyn Chapel é uma magnífica construção datada de 1446, localizada na cidade do mesmo nome, na Escócia. Reza a lenda que ela teria sido erguida pelos Cavaleiros Templários para proteger o Santo Graal. Mais informações no capítulo "Turista sofre".

Edimburgo - St. Margaret's Chapel

A Capela de Santa Margarida é uma pequena construção do século XII, com capacidade para 25 pessoas. Localizada dentro do Edinburgh Castle, foi construída pelo rei Eduardo I em homenagem a sua mãe, que se tornaria Santa Margarida da Escócia. Todos os dias são colocadas flores frescas no seu interior, para recepcionar os fiéis e os turistas. Citada no capítulo "Turista sofre".



Dingwall - Tulloch Castle

O Tulloch Castle foi construído no século XII. Ao longo da sua história, o castelo mudou inúmeras vezes de proprietário, atualmente, sem perder suas características, é um hotel bastante acolhedor, com um restaurante muito bom. Os preços praticados são bem razoáveis para o padrão da Grã-Bretanha. Mencionado no capítulo "As monstras do Lago Ness".

- *Endereço: Tulloch Castle, Dingwall – Ross-Shire, Escócia, Reino Unido IV15 9ND*



Lago Lubnaig

O Lago Lubnaig é um pequeno e deslumbrante lago nas proximidades de Callander, na área de Stirling, em Perth. Na beira da estrada A84, praticamente na entrada das Highlands, nele é possível deliciar-se com sossego da típica paisagem escocesa, pois em geral não é procurado pelos turistas e viajantes. Referido no capítulo "Saudades de Alba".



Dufftown - Glenfiddich Destilery

A Glenfiddich Destilery é de todas as destilarias da área do Speyside, principal região produtora do Single Malt Whiskies da Escócia, a com melhor estrutura para receber visitantes. Construída em 1886 por William Grant, produz o mais famoso malte uísque do mundo. Citada no capítulo "Na rota do uísque".

- *Horário de funcionamento: segunda à sábado: 9:30 às 16:30 hs. Domingo: 12 às 16:30 hs.*



Inverness - Lago Ness

O Lago Ness é o maior exemplo escocês de lagos formados em falhas geológicas, no caso a Falha de Great Glen. O lago de águas bastante frias é conhecido mundialmente pelas alegadas aparições do Monstro do Lago Ness. Ver o capítulo "As monstras do Lago Ness".



Lago Lomond

O Lago Lomond é margeado em toda a sua extensão pela A82, considerada uma das estradas cênicas mais bonitas do mundo. Localizado na Falha das Highlands, com 39 quilômetros é o maior lago em extensão da Grã-Bretanha e o segundo, depois do Lago Ness, em volume. Mencionado no capítulo "Os quatro fabulosos".



Liverpool - Cavern Club

O Cavern Club foi inaugurado em 1957, como clube de jazz. Aos poucos, foi mudando de estilo, até que em 1958, John Lennon se apresentou no local com a banda The Quarrymen, que é considerada o embrião do The Beatles. Só em 1961, o Cavern Club se torna um clube de rock&roll. Entre 1961 e 1963, os Beatles se apresentaram por 292 vezes. Após 1964, depois da viagem aos Estados Unidos, os Beatles não pisaram mais no local. Paul McCartney voltou a se apresentar ali em 1999. Citado no capítulo "Os quatro fabulosos".

- *Endereço: 10 Mathew Street, Liverpool, Merseyside L2 6RE, Reino Unido*



Liverpool - Área portuária revitalizada

A revitalização da área portuária de Liverpool veio como consequência do prêmio recebido pela cidade, em 2008, quando foi considerada Capital da Cultura da União Europeia, em reconhecimento pelos serviços prestados ao mundo das artes e da música. Quadras antes deterioradas e prédios degradados, são hoje um centro que oferece múltiplos serviços. Nesta área está localizada a Beatles Story, onde se pode adquirir as mais diversificadas lembranças dos quatro rapazes de Liverpool. Está no capítulo "Os quatro fabulosos".

- *Endereço: Beatles Story – Britania Vaults, Albert Dock, Liverpool, L3 4AD, Reino Unido*



Cardiff - Cardiff Castle

O Cardiff Castle é um castelo medieval e palácio neogótico vitoriano, erguido a partir de uma torre normanda que foi construída sobre um forte romano do ano 55. É uma das atrações turísticas mais visitadas do País de Gales. Referido no capítulo "Sois rei!?"

Caernarfon - Caernarfon Castle

O Caernarfon Castle está na área principal de Gwynedd, no País de Gales. Teve a sua construção iniciada em 1283, pelo rei Eduardo I da Inglaterra, em posição dominante sobre o rio Seiont, está hoje classificado como Patrimônio da Humanidade. A edificação atingiu sua forma atual em 1323, mas nunca foi totalmente concluído. Ainda hoje, existem várias paredes internas inacabadas, o que não impedem a grandiosidade e beleza do castelo. Citado no capítulo "Sois rei!?"



Caerleon - Anfiteatro romano de Caerleon

O anfiteatro romano de Caerleon é parte de uma fortaleza construída pelos romanos no País de Gales, que foi o posto mais avançado do Império. Construído no ano 75 a.C, a fortaleza guarneceu a região por mais de 200 anos. As ruínas do anfiteatro são as mais completas da Grã-Bretanha. Mencionado no capítulo "Tudo o que é bom dura pouco...".



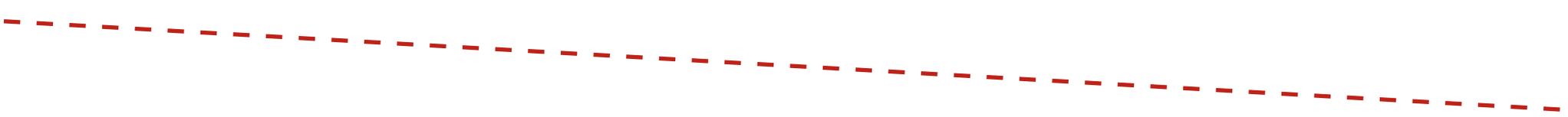
Tintern – Tintern Abbey

A Tintern Abbey é um bela abadia fundada no século XII. Esta abadia da ordem Cister está localizada em Tintern, Monmouthshire, País de Gales. Fundada por Walter de Clare, senhor de Chepstow. Trata-se da segunda abadia da Ordem Cister fundada na Grã-Bretanha, e a primeira em Gales. Com a perseguição aos monastérios promovida por Henrique VIII no século XVI, a Tintern Abadia foi dissolvida e seus bens foram encaminhados para o Tesouro real. Citada no capítulo "Tudo o que é bom dura pouco...".



Chepstow – Chepstow Castle

O Chepstow Castle está localizado em Chepstow, Monmouthshire, País de Gales. No topo de uma falésia com vista para o rio Wye, é a mais antiga fortificação de pedra pós-romana na Grã-Bretanha. Teve a sua construção iniciada em 1067. Referido no capítulo "Tudo o que é bom dura pouco...".



Os nossos endereços na Grã-Bretanha:

- *Londres – Inglaterra – 28 de abril.*
Caesar Hotel, 26-33 Queens Gardens, Westminster – W2 3BE.
- *Cambridge – Inglaterra – 02 de maio.*
Cambridge Camping and Caravanning Club Site 19 Cabbagemoor, Great Shelford - Cambridgeshire - CB22 5NB.
- *Boroughbridge – Inglaterra – 04 de maio.*
Boroughbridge Camping and Caravanning Club Site. Bar Line, Roecliffe, Boroughbridge, North Yorkshire – WO51 9LS.
- *Alnwick – Inglaterra – 06 de maio.*
Dunstan Hill Camping and Caravanning Club Site. Alnwick Northumberland. NE66 3TQ.
- *Rosslyn – Escócia – 08 de maio.*
Slatebarns Caravan Park. Chapel Loan, Rosslyn, EH25 9PU.
- *Charlestown of Aberlour – Escócia – 11 de maio.*
Aberlour Gardens Caravan & Camping Park. AB38 9LD.
- *Dingwall – Escócia – 12 de maio.*
Tulloch Castle Hotel. Dingwall, IV15 9ND.
- *Bridge of Cally – Escócia – 13 de maio.*
Corriefodly Holiday Park. Bridge of Cally by Blairgowrie, Perthshire. PH10 7JG.
- *Oban – Escócia – 14 de maio.*
Roseview Caravan Park. Rose View, Glenshellach, Oban, Argyll. PA34 4QJ.
- *Southport – Inglaterra – 15 de maio.*
Willowbank Holiday Park. Coastal Road, Ainsdale, Southport. PR8 3ST.
- *Beddgelert – País de Gales – 17 de maio.*
Camping in the forest. Gwynedd. LL55 4UU.
- *Newport – País de Gales – 18 de maio.*
Tredegar House Country Park Caravan Club Site. Newport NP10 8TW.
- *Devizes – Inglaterra – 20 de maio.*
Devizes Camping and Caravanning Club Site. Spout Lane, Nr Seend, Melksham, Wiltshire. SN12 6RN.





Alba e Sérgio Chacon

Não tem a menor chance de dar certo, pensava no dia 27 de abril, quando Alba, Vânia, Tanise, Guarany, Tom e eu embarcamos em Brasília no voo da Air France para Londres, onde começaria nossa aventura no Reino Unido, UK para os chegados.

A ideia exótica de percorrer a Grã-Bretanha de motorhome foi lapidada pela Vânia e pela Tanise ao longo de um ano. Definiram as cidades e cuidaram, meticulosa e pacientemente, do aluguel dos veículos, do agendamento dos campings e da reserva de hotéis. Deram show de organização. No papel, estava tudo certo. Mas eu temia pelo que podia acontecer.

Dirigir por 20 dias um caminhão alugado pela mão esquerda das estradas inglesas era um desafio à minha descoordenação motora. Soava perigoso. A perspectiva de chegar em comboio de 4 ou 5 monstros às pacatas vilas do interior da Escócia e de Gales, sem lugar para estacionar, não me parecia forma civilizada e adequada de fazer turismo.

Mais: nos últimos 20 anos, eu havia estado três vezes no Reino Unido e sinceramente não tinha planos de voltar lá. Londres não me cativou. Nas semanas anteriores à viagem, tive pesadelos.

Chuva e frio dia e noite e nós, enclausurados em nossas casinhas de fibra de vidro, tomando sopa em lata ou comendo McDonald.

Os onze viajantes que aderiram à proposta de férias a bordo de motorhomes pouco se reuniram para conversar. A Sônia pulou fora logo após o primeiro encontro. Nádia e Xandu, inicialmente empolgados, desistiram por problemas de saúde na família (problemas já superados, graças a Deus!). Com Saulo e Lu, que sairiam do Rio para se juntar a nós em Londres, quase não falamos. Iriam mesmo?

O grupo parecia estar desintegrado. Veio a crise da Dilma, que elevou a cotação do euro, da libra e do dólar. Alba fez algumas contas e assustou. Deu uma vontade louca de botar a viola no saco e desistir também. O roteiro de atrações do percurso, preparado diligentemente pelo Guarany, que poderia ter me motivado, só vim a ler com calma quando já estávamos na Inglaterra.

Rabugento por natureza, receava pelo que pudesse ocorrer. Tudo podia acontecer, inclusive nada. Partimos com o coração apertado.

Ainda bem que partimos!!!

Dia após dia, fui ruminando e engolindo todas as previsões pessimistas. Fizemos uma viagem fantástica, inesquecível, com grandes experiências e da qual só trouxemos boas lembranças. O roteiro por dez cidades foi perfeito. Mas fizemos muito mais do que isto. Da sofisticada Cambridge à brejeira Bridge of Cally, das highlands aos fiordes da região de Oban, da *magical and mystery* Liverpool à inesquecível Beddgelert.

O charme de Edimburgo, a mística Rosslyn Chapel, de inspiração templária, com sua incrível cripta medieval onde foi decifrado o Código Da Vinci, as silenciosas abadias em ruínas, os castelos de Caernarfon, Cardiff e Alnwick (famoso da série Downton Abey), as

muralhas romanas de York...Centenas de lagos escoceses à beira do caminho, do famoso Ness ao agradável Lomond!!!

Tom, que já havia percorrido aquelas plagas na flor da juventude, curtiu como se fosse a primeira vez e queria sempre ver mais, com entusiasmo. Guarany se tornou expert em castelos, fortalezas e monstras.

Alba, que me atura a 31 anos e foi navegadora precisa que reduziu minhas barbeiragens na direção daquele pau-de-arara de luxo, voltou apaixonada. Não sei se pela Inglaterra ou por mim. Sem ela, nada teria acontecido, nem este texto teria sido escrito.

Para quem nunca dirigiu na mão inglesa, nos saímos muito bem. Dormir nos campings britânicos foi experiência ímpar. Lavar louça, lavar e secar roupa, despejar o depósito de dejetos, limpar por dentro e abastecer o motorhome de água, sem ter ninguém disposto a fazer tais tarefas por 5 ou 10 reais pra gente, nos manteve em forma, bem dispostos. Éramos os últimos a dormir e os primeiros acordar nos Camping & Caravan Clubs por onde passamos. Todo mundo teve de ralar, mas sem stress, sem sofrimento ...

Lorde Saulo, francófilo apaixonado e conhecedor do melhor da boa mesa, se confessou encantado com a temporada nos domínios de Sua Majestade. Com ele e Luciana, descobrimos que a culinária inglesa está cada vez mais refinada. Provamos os *fish&chips* nas mais diversas formatações e grelhados exóticos, degustamos incrível hambúrguer de carneiro *welsh* com hortelã, o *haddock* fresco do Atlântico Norte. Comemos um churrasco de gado Aberdeen Angus na fonte, em Aberdeen, incomparável! Compartilhamos merengues e tortas de dar agua na boca.

Para quem gosta, as cervejas inglesas são de ótima qualidade, infindável variedade e em grande quantidade. Na rota do uísque, os *singles* e *blends* se somaram aos *smoked* e outros tipos quase desconhecidos fora do UK.





Vinhos? Franceses de Bordeaux, Borgonha e mais, italianos de todas as cepas, espanhóis, portugueses, australianos, africanos, chilenos, argentinos etc...

A agilidade da Tanise na logística para ajustar, com bom humor e simpatia, as mudanças de roteiro de última hora, a confiabilidade da Vânia no GPS para nos levar seguros aos esconderijos nas montanhas. Os lanches e jantares quase diários ao ar livre, nossas assembleias acaloradas para escolher os trajetos a percorrer e os locais a visitar, tudo somou para fazer as férias mais agradáveis, e a amizade mais forte. Nossa proximidade tão intensa beirou a promiscuidade, no melhor sentido. *All we need is love. Love!*

Descobrimos que o melhor caminho nem sempre é o mais curto, tampouco o mais longo. A distância pouco importa. O tempo só colaborou, alongando nossa convivência. O clima tam-

bém, com dias ensolarados, temperaturas amenas e noites frias.

Melhor que os passeios, as descobertas e experiências, só mesmo a versão inspirada, divertida e sensível desses dias de aventura nas crônicas do Guarany. Obras de realismo fantástico e às vezes de pura fantasia, mesmo, deliciaram a todos.

Personagens dessa história divertida e *insiders* nos relatos, tivemos o privilégio de ler em primeira mão suas impressões de viajante experiente e generoso. E o alívio de constatar que ele só contou as passagens boas e o lado positivo de seus amigos.

Sentimos apenas pelos que não puderam ou não quiseram ir. Perderam, playboys! Teremos saudades dessa passagem pelo Reino Unido. *Meno male* que possamos ter à mão estas crônicas para rir, para curtir e não esquecer... *Forever.*

Impressões da trupe

Lu e Saulo Ferrante

Viagens costumam ser como os filhos. São sempre únicas. Mas, visitar o Reino Unido durante três semanas em quatro *motorhomes* de grande porte, enfrentando ventos fortes de través, a tensão silenciosa na cabine de comando, pilotando do lado direito, passando as marchas com a mão esquerda e dirigindo na contramão em estradas absolutamente inadequadas às dimensões do veículo, pode parecer pouca coisa, mas exigiu muito de cada um de nós. Que o digam as cicatrizes que marcaram nossos bólidos ao longo dessa aventura.

As dificuldades eram imensas e era necessário enfrentar situações improváveis para atender às necessidades específicas de oito pessoas e resolver os mais variados tipos de problemas, colocados pela especificidade dos campos; variações de humor; abastecimento de água, gás, combustível e eletricidade; alergias, insônias, lombalgias, sinusites e resfriados; transporte, internet e alimentação.

Mas se o caminho se faz ao se caminhar, nosso grupo viajante foi se fortalecendo e unindo ao viajar, como que respondendo ao apelo do próprio Reino (Unido) que visitávamos. Era um convite irrecusável, ainda mais tendo como pano de fundo dois mil anos de história.

Por isso, o fim de uma viagem como esta nos remete ao luto. O sofrimento eventual da falta de conforto vai sendo esquecido e substituído pelo fortalecimento dos laços que se estabeleceram no próprio grupo. Uma espécie de síndrome de Estocolmo, onde





sentimos falta até da rotina de acordar às seis e meia da manhã com a sensação térmica às vezes abaixo de zero; de começar longas jornadas e deslocamentos após calorosas discussões sobre os trajetos possíveis; de fazer arrumações, compra de mantimentos e busca de informações turísticas e práticas, como internet e números de linhas de ônibus.

Neste tipo de viagem, muita coisa se fortalece em nosso espírito, muitos valores se relativizam, outros se impõem. É um grande aprendizado, onde até nossas ideias geográficas se embaralham para unir, em tramas delicadas, Pederneiras e Edimburgo, Rio

Branco e Inverness, Teresina e Oban, Porto Alegre e York, Manaus e Liverpool, Brasília e Cardiff, Rio de Janeiro e Cambridge. Por isso, uma viagem como esta não é, apenas, única. Ela é singular.

Evoquemos a nossa França ao lembrar do episódio vivido por Montaigne, que não se conformava ter perdido seu amigo La Boétie. Às pessoas que insistiam em banalizar esta perda, tão natural lhes parecia a morte, Montaigne fixava-se na sua singularidade para explicar seu inconformismo: 'porque era ele, porque era eu'. Também nossa viagem foi singular. Por uma razão muito simples: porque eram vocês, porque éramos nós.



Tanise e Tom Rebelo

Planejar uma viagem não é tarefa fácil, a não ser que se deixe todo o trabalho por conta de uma agência de viagem. Não foi esse o caso desta aventura que quatro (que deveriam ter sido cinco) casais de amigos planejaram por quase um ano. Nosso primeiro objetivo era visitar todo o Reino Unido. Ver castelos, reviver a história. Mas nada tradicional. Nada de hotéis 5 estrelas, trens de alta velocidade, mordomias. Vamos de motorhome, para termos fortes emoções! Mão inglesa e uma casa atrás de nós. Afinal, estamos bem na idade de grandes desafios.

Depois de muita discussão, não tanta quanto deveria ter sido, algumas reuniões, regadas a vinho, champanhe e ótima comida, depois de escolher minuciosamente o veículo que iríamos alugar, de analisar mapas comprados in loco, de pesquisar no *google maps* e outros que tais, reduzimos nosso percurso: só a Inglaterra, a Escócia e o País de Gales. Só?!?! Isso tudo em 25 dias! Proposta ousada! Mas fomos a luta. Decidir quais cidades visitaríamos, quais seriam os castelos selecionados (pois existem trocentos!), quais os campings para fixar nossa casa e finalmente concluir o roteiro foi uma diversão. A viagem, na verdade, começou aí: no planejar. Achamos até que sonhar com a viagem fez parte dela. E foi o que vivenciamos.

Alguns foram fazer curso de inglês, para poder se comunicar melhor com os “nativos” e compreender as explicações nem sempre fáceis para todos nós. Outros dedicaram-se a pesquisar os detalhes do que íamos visitar lendo livros de viagens ou fazendo longas pesquisas na internet. Também houve aqueles que confiaram na memória, pois há muito tempo atrás já percorreram esses caminhos. Mas todos nós, de uma certa forma, nos preparamos para viver o sonho. Uns com mais intensidade, outros com menos, pois nem todos os viajantes puderam participar dos colóquios preparatórios por não morarmos na mesma cidade. Mesmo assim, todas as notícias e decisões tomadas foram amplamente compartilhadas para que todos nós pudéssemos vibrar.

Depois de tanta expectativa, o grande dia! Um grupo partiu de Brasília, outro, menor, do Rio de Janeiro. E lá estávamos nós! Rumo ao Reino do Mago Merlin.

Relatar uma experiência de viagem, sobretudo uma tão singular quanto essa, também não é tarefa fácil. Segundo orientação do nosso amigo Ricardo Noblat, nosso eterno Chefe de Redação, há que se descrever o que foi visto. A tendência de todos nós, entretanto, é falar mais do que foi sentido e não tanto do que foi visto. Isto se deve provavelmente ao fato de que os momentos nos campings foram tão significativos quanto os momentos nas estradas e nas inúmeras visitas. Os finais de tarde e noites frias, todos sentados ao redor de mesas desmontáveis, comendo um *cassoulet* de lata, patês, queijos, vinhos e deliciosas macarronadas preparadas pelas companheiras, ficarão marcados na memória.

Mas vamos ao desafio. Vamos tentar descrever um pouco do que foi visto. Para começar, não foi uma viagem feita por algo que poderíamos chamar de país. Aquela ilha é mais do que isto, até porque são três países em um pedaço não tão grande de terra, que sempre teimamos em chamar de Inglaterra. Agora aprendemos a chama-la de Grã-Bretanha. Ali cada país faz parte desta comunidade

de única e estranha, misturando nacionalismo, tradição e orgulho, com um sentimento de que fazem parte de uma mesma nação.

Com a paisagem não é diferente. A Inglaterra, que fica ao sul, se estende ao longo de planícies agrícolas, com plantações verdes e amarelas. Na Escócia, predominam as Highlands, montanhas imponentes, de personalidades próprias. E o País de Gales, com suas florestas encantadas. O que realmente une os três é a quantidade de história. Cercando a ilha, mares de ventos fortes, que, aliás, nos acompanharam durante toda a viagem.

Depois de sairmos de Londres, onde ficamos cinco dias, passamos por Cambridge, uma cidade encantadora, que, além de ser sede de renomadas faculdades, tem um charme natural, agradáveis cafés, várias livrarias, pubs e restaurantes, circundados por um riozinho que banha prédios milenares. Foi muita emoção passear nas mesmas ruas que Darwin e Newton. Cambridge também foi a nossa estreia na dinâmica que uma viagem deste tipo nos impõe: chegar no camping, conhecer os banheiros, perguntar onde estão os serviços: lavanderia e pias para louça; informar-se sobre as linhas de ônibus para a cidade e, finalmente, começar a conhecer todos os afazeres que o motorhome requer - e não são poucos.

Em seguida rumamos para York, a “cidade viking”, que também não decepcionou. Uma cidade murada, tipicamente medieval, que, por mais muros que tenhamos visto durante nosso percurso, e na nossa vida, esses ficarão guardados em um lugar especial da memória.

Depois destas belas e tradicionais cidades, o contato com o Mar do Norte, terras de castelos e ruínas, que protegeram os britânicos das invasões vikings. Aí começamos realmente a viajar pela história. O primeiro ponto alto foi a região que circunda a cidade de Alnwick, também conhecida como Agreste Northumbria. Lá visitamos o Castelo de Alnwick, inesquecível, suntuoso, magnífico, palco de vários filmes, inclusive Harry Potter. Além deste, outro

compõe o cenário: o castelo de Bamburgh. Ambos são castelos imponentes, bem inteiros, como devem ter sido no passado. Seus interiores foram adaptados aos tempos, já que ainda pertencem a famílias que os foram reconstruindo conforme a época. No final da tarde fomos a Craster, pequena vila de pescadores, onde em um pub na beira do mar comemos, segundo os seus habitantes, o melhor sanduiche de carne de caranguejo do Mar do Norte. Mas o melhor ainda estava por vir. Como nesta época a noite chega tarde, ainda fomos caminhar na direção ao castelo de Dustanburgh, este em ruínas, que fica ao lado do vilarejo. Do castelo, construído no século XVI pelo Conde de Lancaster, só restou parte dos muros, da torre de observação e da portaria. Caminhamos pela relva, mas não chegamos até ele. Parecia perto, mas estava longe. A imponente muralha, desafiando o mar, nos fez sentir, pela primeira vez, a força da verdadeira história deste povo de guerreiros.

No dia seguinte, chegamos a Escócia, que logo sinaliza ao visitante que ali é outro mundo. A bandeira com um X branco sobre um fundo azul, está hasteada entre o mar e as primeiras montanhas. Ao lado, extensas áreas de vários tons de verde, povoadas de carneiros, personagens que nos acompanharam durante toda a nossa passagem por este país. Logo a frente outra fortaleza em ruínas, o Castelo de Tantalón. Na verdade, uma muralha, no alto, de onde se observa o mar, por onde chegavam os vikings. Mas na realidade, Tantalón foi destruída por Cromwell, para mostrar aos escoceses quem realmente mandava. Ali se percebe porque é tão difícil dominar estes homens de saia.

Mais adiante paramos para um breve almoço em North Berwick, uma pequena cidade turística a beira mar. Ali descobrimos que, ao contrário do que dizem, na Escócia se come muito bem. Só depois descobrimos (no livro de turismo) que esta cidadezinha é conhecida na região pela sua boa gastronomia. Lugar que recomendamos para uma boa refeição.



Impressões da trupe



Edimburgo, a capital da Escócia, foi uma das poucas grandes cidades que visitamos em terras escocesas. Afinal, este é o país das paisagens. Considerada a cidade mais romântica do país, vale a pena ser vista. Descrevê-la em detalhes estenderia muito este já tão longo texto. Mas não poderíamos deixar de citar o grandioso Castelo de Edimburgo, que descobrimos, com surpresa, ter sido construído sobre um vulcão extinto nos idos do século XII, embora tenha sido um forte desde 600 DC. Cidade rica e imponente com ruas medievais e quarteirões georgianos que encantam os olhos.

Dali em diante era subir as Highlands, antes passando rapidamente por Aberdeen, importante porto do Mar do Norte, onde, seguramente, se come a melhor carne do mundo. As Highlands compõem um cenário difícil de descrever, sobretudo nesta época do ano. As neves se foram e ainda se observa tonalidades de marrons e beges, que logo se transformarão em verdes. Entre as montanhas, compridos lagos de um azul escuro, onde se pescam as trutas das águas geladas. Estávamos nós no coração da Escócia. Passamos por Perth, cidade que conhecemos tão pouco, as margens do Rio Tay - o rio mais longo deste país. Foi em suas margens que caminhamos entre o camping e um vilarejo. Caminhada inesquecível. Voltamos a falar das coisas sentidas, que se misturam com as vistas.

Nas Highlands passamos também por parte da Rota do Whisky. Visitamos uma das famosas destilarias – a Glenfiddich. Edificações de aparência antiga e relativamente pequenas, diferente das grandes caves francesas ou das modernas vinícolas espanholas. Puro malte, do qual, aliás, o Saulo tem uma bela lembrança.

Depois de passar por Inverness, capital da Highlands, de cruzar o famoso Lochness, atravessamos para o outro lado da Ilha, o Atlântico. Ali a rica paisagem escocesa se transforma. No lugar de terras altas, surgem terras baixas, recortadas por braços de mar e formação de lagos. As estradas são belíssimas e estreitas. Quase



o tempo todo viajamos entre tuneis de árvores e corredeiras de águas das descongeladas montanhas.

Chegamos a Oban, outro ponto alto da viagem. Porto de pesca mas também cidade turística. Barcos coloridos e casarios de pedra, com portas e janelas brancas, criam um cenário típico daquelas cidades de filmes, onde chegam grandes navegadores ocupados em atravessar mares bravios.

Saindo de Oban fizemos um estirão retornando à Inglaterra até Liverpool, outra cidade grande do caminho, com seus edifícios imponentes diante das docas do rio Mersey. Vale pelo mito dos Beatles. Um passeio pela Penny Lane e pela porta dos jardins do "Strawberry Fields", além de uma passagem rápida pelo famoso Cavern Club onde tudo começou, dando uma leve sensação de que o sonho ainda não acabou.

A próxima etapa era o País de Gales. País Celta, resistiu muito aos romanos, que aliás deixaram suas marcas. Em Wales, os ventos do Atlântico invadem o Reino Unido. Provavelmente a região com maior quantidade de castelos fortalezas, que a Idade Média nos deixou como herança. Visitamos dois deles, Caernarfon e Cardiff, que ao contrário dos do Mar do Norte, que foram construídos para enfrentar os Vikings, aqui serviram de base para os Normandos, que mudaram a história da Inglaterra Saxônica. Caernarfon é uma cidade-mercado que parece diminuta face ao castelo magnífico que abriga. Construído em 1283 pelo rei Eduardo I, o castelo consolidou a conquista de Gales. Nele nasceu Eduardo II. Já Cardiff é uma cidade pitoresca, que conta com bonitas lojas e arcadas no estilo vitoriano e eduardiano, um mercado coberto e grandiosos prédios públicos. O destaque da cidade é, sem dúvida, o Cardiff Castle, uma fortaleza que data dos tempos normandos.

O País de Gales era praticamente o final da viagem. Passamos ainda, ao retornarmos à Inglaterra, rumo a Londres, por Bath, com suas construções de pedra calcária bege de visual agradável e suas fontes termais romanas, palco de tantos romances. A Bath Abbey, que na verdade não é uma abadia, mas uma igreja, é um dos principais exemplos do estilo gótico do período perpendicular. Muito linda! Finalmente voltamos para Londres e para a nossa triste realidade de pouca história.

Muitas serão nossas lembranças. Mas talvez a mais marcante de todas será uma noite, a mais fria e chuvosa em terras celtas, quando todos nós caminhamos pela neblina entre o vilarejo de Beddgelert e o nosso camping, o que nos fez sentir entre as Brumas de Avalon. Grande marco de nossa aventura, que nos fez passar por paisagens fantásticas e inusitadas, entre castelos e brumas, no Reino do Mago Merlin. Toda viagem tem o seu lado mágico e talvez, por isto, seja melhor descrever o que foi sentido do que o que foi visto.



